

# TANTO ELLA ASSUME NOVITATE AL FIANCO

LISBOA, TURIM E O INTERCÂMBIO  
CULTURAL DO SÉCULO DAS LUZES  
À EUROPA PÓS-NAPOLEÓNICA

ISABEL FERREIRA DA MOTA  
CARLA ENRICA SPANTIGATI  
(COORDS.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

# TURIM-LISBOA 1769-1796. O OLHAR DOS EMBAIXADORES

Gian Paolo Romagnani  
Universidade de Verona

## 1. Os anos 70: uma Europa em movimento

Relações diplomáticas ocasionais entre o Ducado de Saboia e o Reino de Portugal desenvolveram-se desde meados do século XVI, sobretudo por ocasião de acordos matrimoniais, com a presença em Lisboa, entre 1579 e 1722, de vários enviados extraordinários. Todavia, a troca oficial de embaixadores aconteceu apenas na década de 70 do século XVIII, após o fim da guerra dos Sete Anos, com o envio para Turim primeiro de Henrique de Meneses, marquês de Louriçal (1763-1778), e depois de Rodrigo de Sousa Coutinho<sup>1</sup> (1779-1796), enquanto para Lisboa foram enviados primeiro Carlo Francesco Valperga di Masino (1769-1773), a seguir Felice Nepomuceno Fontana (1774-1779), e por fim

---

<sup>1</sup> Sobre Rodrigo de Sousa Coutinho veja-se agora a completa e documentada biografia de MANSUY-DINIZ SILVA A. (2002-2006), *Portrait d'un homme d'État. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, comte de Linhares (1755-1812)*, 2 vols., Lisbonne-Paris; acerca do seu pensamento económico: CARDOSO J. L. (1989), *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII*, Lisboa. Relembrem-se também as belas páginas que lhe dedicou VENTURI F. (1984), *Settecento riformatore*. Vol. IV: *La caduta dell'Antico Regime (1776-1789)*, t. 1: *I grandi stati dell'Occidente*, Torino, pp. 231-235; sobre as relações piemontesas cf. também ROMAGNANI G. P. (1988), *Prospero Balbo intellettuale e uomo di Stato (1862-1837)*, vol. I: *Il tramonto dell'antico regime in Piemonte (1762-1800)*, Torino, pp. 179-231.

Giovanni Giuseppe Spirito Nomis di Pollone (1779-1796). Foi a inversão das tradicionais alianças, sancionada em 1756 pelo tratado de Versalhes entre a França e a Áustria, a levar o Piemonte a identificar novos interlocutores, dado que já não podia praticar a política da *bascule*, que se baseava em alianças alternadas com a França e o Império. Para não ficar excluído das dinâmicas da diplomacia europeia, o Piemonte devia agora contar com novos interlocutores, como a Inglaterra, a Prússia, a Rússia e Portugal, este último tradicionalmente anglófilo e em tensão crescente com a vizinha Espanha<sup>2</sup>. Os anos 70 resultam ser de facto a linha divisória entre *a primeira crise* (1768-1776) e *o fim do antigo regime* (1776-1789)<sup>3</sup>. No espaço de poucos anos assiste-se à queda dos principais ministros que protagonizaram vigorosas políticas reformadoras: Du Tillot em Parma (1771), Bogino no Piemonte (1773)<sup>4</sup>, Turgot em França (1776), Tanucci em Nápoles (1776), Grimaldi em Espanha (1776), Pombal em Portugal (1777), enquanto os Estados Unidos da América proclamavam a sua independência da Inglaterra (1776).



Figura 1 – Silhueta: Rodrigo de Sousa Coutinho

---

<sup>2</sup> Sobre as dinâmicas da política externa europeia do século XVIII cf. CESA M. (2007), *Alleati ma rivali. Teoria delle alleanze e politica estera settecentesca*, Bologna.

<sup>3</sup> VENTURI F. (1979), *Settecento riformatore. III: La prima crisi dell'Antico Regime (1768-1776)*, Torino; VENTURI F. (1984).

<sup>4</sup> RICUPERATI G. (1994), *Le avventure di uno stato "ben amministrato". Rappresentazioni e realtà nello spazio sabaudo tra Ancien Régime e Rivoluzione*, Torino 1994, sobretudo o capítulo *Gli strumenti dell'assolutismo sabaudo: Segreterie di stato e Consiglio delle Finanze nel XVIII secolo*, pp. 57-134.

## 2. Carlo Francesco Valperga di Masino: aristocrata, diplomata e homem de cultura no Piemonte do século XVIII (1727-1811)

Um dos primeiros protagonistas das relações setecentistas entre o Piemonte e Portugal, e em cujos documentos se baseia essencialmente a presente investigação<sup>5</sup>, é o conde Carlo Francesco Valperga de Masino (1727-1811) embaixador piemontês em Lisboa (1769-1773) e em Madrid (1774-1780), e mais tarde vice-rei da Sardenha (1780-1782), amigo fraterno do embaixador português em Turim Henrique de Meneses e do embaixador português em Madrid Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, já Governador de Angola e pai do jovem Rodrigo de Sousa Coutinho, por sua vez embaixador português em Turim. A família nobre dos Valperga di Masino, grandes feudatários da região do Canavese, era uma das mais antigas e mais abastadas do Piemonte<sup>6</sup>. Carlo Francesco corporiza o espírito da aristocracia cosmopolita de meados do século XVIII, como atesta a sua longa viagem de formação, entre os vinte e sete e os trinta e dois anos, pelas capitais europeias que o levou a Paris, Londres, Amsterdão, Berlim, Copenhaga, Estocolmo, Riga, Danzigue, São Petesburgo, Weimar, Zurich, Genebra, Veneza e Constantinopla<sup>7</sup>; e como

---

<sup>5</sup> O arquivo de Valperga di Masino encontra-se atualmente no Arquivo Histórico do Castelo de Masino em Caravino [doravante ASCM] que conserva igualmente a *Biblioteca dello Scalone* cujos catálogos foram publicados (ver *infra* nota 11). Outro núcleo de documentos encontra-se no Arquivo de Estado de Turim [doravante ASTo], sezione di Corte, no espólio “Materie politiche per rapporto all'estero”. *Lettere Ministri Portogallo*, mazzi 6-8 e *Lettere Ministri Spagna*, mazzi 86-89.

<sup>6</sup> Sobre a nobreza piemontesa do século XVIII, com referências também à família Valperga, cf. MERLOTTI A. (2000), *L'enigma delle nobiltà. Stato e ceti dirigenti nel Piemonte del Settecento*, Firenze.

<sup>7</sup> Sobre este período de reformas cf. FERRONE V. (1988), *La Nuova Atlantide e i Lumi. Scienza e politica nel Piemonte di Vittorio Amedeo III*, Torino; RICUPERATI G. (1989), *I volti della pubblica felicità. Storiografia e politica nel Piemonte settecentesco*, Torino; RICUPERATI G. (1994); ROMAGNANI G. P. (1997), *Torino nel 1775: spazi e soggetti della cultura* in *Gottbold Ebrahim Lessing e i suoi contemporanei in Italia*, coordenação de. L. Ritter Santini, Napoli, pp. 59-82.

evidenciam as estantes da sua biblioteca nas quais se encontram as obras mais difundidas na Europa em meados do século XVIII, mas também obras menos óbvias (Paolo Mattia Doria, Gian Rinaldo Carli, Antonio Genovesi, Domenico Caminer, Pietro Verri), sem qualquer discriminação em relação a autores difíceis ou proibidos (Tommaso Campanella, Galileu Galilei, Pierre Bayle, Pietro Giannone). Da biblioteca de Masino consta toda a produção do iluminismo francês<sup>8</sup>: a sua curiosidade transparece na abundante literatura de viagem e nos livros sobre as civilizações da Ásia, da África e das Américas, nos tratados científicos e de técnica militar; o seu gosto literário revela-se nos volumes de teatro italiano e francês, nos textos de literatura francesa e nos livros de literatura portuguesa e espanhola, comprados em Lisboa e Madrid. Na biblioteca encontramos também significativos vestígios de literatura, ciência e historiografia britânica contemporânea, que atestam o seu conhecimento da língua inglesa<sup>9</sup>. Estão presentes os principais escritores e historiadores gregos e romanos (significativa a presença de Luciano e de Lucrécio). São numerosos, como seria expectável, os textos de arqueologia, com forte interesse também iconográfico pelo Egípcios e os Etruscos; os clássicos da historiografia, os mais importantes autores de política e de direito (Maquiavel, Guicciardini, Grócio, Pufendorf e Burlamaqui). Por fim encontram-se muitos textos religiosos e filosóficos e não dos mais óbvios, como os livros de crítica bíblica de Daniel Huet e

---

<sup>8</sup> *Castello di Masino. Catalogo delle Biblioteca dello Scalone*, coordenação de L. Levi Momigliano e L. Tos, vol. I (A-C), Novara 2013; vol. II (D-K), Novara 2015; vol. III (L-R), Novara 2016; o vol. IV (S-Z) no prelo. Cf. em particular o ensaio de TOS L. (2015), *Il collezionismo librario di Carlo Francesco II Valperga di Masino: primi lineamenti*, in *Castello di Masino. Catalogo cit.*, vol. II, pp. 17-26 e ROMAGNANI G. P. (2017), *La Biblioteca del castello di Masino: uno specchio della cultura aristocratica subalpina di metà Settecento*, in *Tommaso Valperga di Caluso e la cultura sabauda tra Sette e Ottocento*, org. G. F. Gianotti, Bologna, pp. 259-276.

<sup>9</sup> Sobre a influência inglesa na cultura italiana continua a ser fundamental o velho ensaio de GRAF A. (1911), *L'anglomania e l'influsso inglese in Italia nel sec. XVIII*, Milano.

Richard Simon. Completam a coleção as obras dos mais conhecidos autores académicos piemonteses do seu tempo. Delineados alguns traços da personalidade do conde de Masino e do seu mundo intelectual, vamos procurar agora reconstituir os acontecimentos mais relevantes relacionados com a sua embaixada em Portugal, no começo dos anos setenta, e com a sucessiva missão diplomática em Espanha durante a qual continuou a acompanhar a vida política portuguesa, ligada intimamente à embaixada piemontesa do jovem Rodrigo de Sousa Coutinho, acontecimentos que delimitam uma das estações mais fecundas das relações diplomáticas e culturais entre Turim e Lisboa.



Figura 2 – Carlo Francesco Valperga di Masino

### 3. Carlo Francesco Valperga de Masino embaixador em Lisboa (1769-1773)

Como revela uma carta que o conde de Masino enviou ao seu filho mais velho, a destinação da embaixada de Lisboa já lhe fora comunicada pelo rei no outono de 1768, embora a nomeação, que implicava o pagamento de 24.000 libras anuais, tenha sido oficializada apenas no outono do ano seguinte com o juramento solene prestado diante do rei no dia 27 de novembro de 1769, enquanto a mudança para a capital portuguesa se realizaria no mês de fevereiro de 1770<sup>10</sup>, antecedida por uma fase de preparação confiada ao irmão mais novo, Tommaso Valperga di Caluso (1737-1815) nomeado em novembro de 1769 secretário de Legação e que embarcou em Génova em 10 de dezembro num navio holandês, juntamente com os criados e as bagagens<sup>11</sup>. A personalidade de estudioso do abade Tommaso Valperga, que alcançaria celebridade internacional nos últimos vinte anos do século XVIII como matemático, astrónomo e estudioso de antigas línguas orientais, é hoje em dia mais conhecida à luz de estudos recentes<sup>12</sup>. Menos conhecidos são os acontecimentos

---

<sup>10</sup> ASCM, m. 461, fasc. 7466: *Lettere al conte Valperga di Masino* (1763-1776), Carta de Carlo Francesco Valperga di Masino ao filho mais velho m.se d'Albarey, Turim, 21 de dezembro de 1768. Noutra carta enviada de Turim a Masino, que já se encontrava em Lisboa, no dia 17 de janeiro de 1770 o embaixador português Meneses revela-lhe ter tido conhecimento «que le Roy avoit apparemment réfléchi que vous aurais dû-êre employé dix ans auparavant et vous accordois ce qui vous étoit dû depuis ce temps» (ASCM: m. 387, fasc. 6741: Meneses a Masino, 17 de Janeiro de 1770). ASCM, m. 121, fasc. 2391: *Copia di giuramento prestato dal conte di Masino per l'esercizio della carica di ministro plenipotenziario presso la Corte di Portogallo* (27 de novembro de 1769).

<sup>11</sup> ASCM, m. 767, fasc. 10652: *1769, Passaggio della famiglia e nolo delli Equipaggi da Genova a Lisbona*. Sobre Tommaso di Caluso em Lisboa cf. ROSSI G. C. (1947), *L'abate di Caluso e il Portogallo*, «Convivium», n. 6, pp. 727-738.

<sup>12</sup> Sobre Tommaso Valperga di Caluso vejam-se os estudos de CERRUTI M. (1973), *La ragione felice e altri miti del Settecento*, Firenze; CERRUTI M. (1988), *Le buie tracce. Intelligenza subalpina al tramonto dei Lumi. Con tre lettere inedite di Tommaso Valperga di Caluso a Giambattista Bodoni*, Torino; CERRUTI M. (2000), *Il piacer di pensare. Solitudini, rare amicizie, corrispondenze intorno al 1800*,

que antecederam a fama internacional e que marcaram de forma indelével a sua formação. Refiro-me em particular à experiência juvenil como cavaleiro de Malta que o viu, de 1741 a 1760, lutar no mar contra os corsários otomanos, antes de se converter e entrar na Ordem dos Oratorianos de São Filipe Néri. Determinante foi a sua experiência na embaixada de Lisboa onde teve ocasião de encontrar Vittorio Alfieri, com o qual estabelece uma duradoura amizade, e de privar com numerosas personalidades da cultura portuguesa, entre as quais o jovem Rodrigo de Sousa Coutinho. Durante dois anos e meio, Tommaso Valperga segue em primeira pessoa os negócios da Legação piemontesa, tratando dos correios diplomáticos e cuidando escrupulosamente da correspondência e da transcrição dos despachos cifrados. Antes da chegada do irmão, o abade de Caluso encarregou-se igualmente de mobilar a residência do embaixador, situada num lugar ventilado junto ao convento de Odivelas, muito bonita, mas bastante afastada da corte e dos ministérios. O pessoal doméstico, como revela um pormenorizado *Piano della famiglia solita tenersi da un ministro plenipotenziario residente alla corte di Portogallo*, chegava a cerca de vinte indivíduos, alguns dos quais, de maior confiança, contratados em Itália, enquanto os de nível mais baixo foram contratados *in loco*<sup>13</sup>. Ao partir para Lisboa o embaixador recebia uma documentação que se baseava essencialmente nos despachos dos seus antecessores e da qual podia obter preciosas informações sobre as matérias das quais deveria tratar<sup>14</sup>. Notícias

---

Modena; di LEVI MOMIGLIANO L. (2003), *Tommaso Valperga di Caluso e il castello di Masino*, em *Vittorio Alfieri aristocratico ribelle (1749-1803)*, edição de R. Maggio Serra, F. Mazzocca, C. Sisi, C. Spantigati, Milano, pp. 96-98; di CONTINI M. (2011), *La felicità del savio. Ricerche su Tommaso Valperga di Caluso*, Alessandria; e o recente volume *Tommaso Valperga di Caluso* (2017).

<sup>13</sup> ASCM, m. 472, fasc. 7599: *Memorie per l'ill.<sup>mo</sup> conte Valperga di Masino, state ricavate dai conti tenuti a Lisbona negli anni 1763 1764 e 1765 dal conte Ferrero di Lavriano*.

<sup>14</sup> ASCM, m. 472, fasc. 7707: *Notizie portate in Portogallo (1769)*, 1 fasc.

valiosas encontram-se também numa correspondência privada, que infelizmente se limita ao ano de 1770, entre Masino e o embaixador português em Turim, Meneses, que ele conhecera quinze anos antes na Holanda. Meneses não só transmite ao amigo valiosas informações para o introduzir na corte portuguesa, mas também o mantém constantemente informado, muito mais do que nas mesmas semanas faziam os colegas de Turim, acerca dos acontecimentos na capital piemontesa e sobre os mexericos da corte. As indicações de Meneses revelar-se-iam muito valiosas para Masino no seu primeiro contacto com a corte portuguesa: tendo em conta o protocolo, e sobretudo as concretas relações de poder, o amigo embaixador sugeriu-lhe quais personalidades encontrar e segundo qual ordem, sem desconsiderar ninguém, e indicou cuidadosamente as pessoas que deveriam ser convidadas para jantar<sup>15</sup>. Um ano depois da sua nomeação, em 15 de setembro de 1770, Meneses escreve a Masino para o felicitar pelos ótimos resultados alcançados nas relações sociais:

A Lisbonne vous êtes aimé et estimé généralement; toutes les lettres que je reçois me font de vous les plus grandes éloges. L'on me dit généralement que jamais Ministre Etranger a été si bien vu à la Cour et à la Ville. Quand on parle de votre table on s'explique que vous êtes la première personne qui a sù donner à manger, et comme présentement vous devez connoitre le Pays, vous devez voir que ce n'est pas une chose indifférente qu'une bonne table ait bien des personnes,

e continua com úteis sugestões acerca de outros convites, assinando em particular o Procurador da Coroa José Seabra da Silva, nessa altura um dos mais chegados colaboradores de Pombal que

---

<sup>15</sup> ASCM, m. 387, fasc. 6741: *Lettere degli ambasciatori portoghesi*: Meneses a Masino.

o nomearia Secretário de Estado adjunto em 1771. Mais tarde José Seabra da Silva caiu em desgraça e em 1774 foi desterrado para Angola, até que a rainha D. Maria I o mandou regressar e o nomeou ministro da Administração Interna em 1788<sup>16</sup>. Os documentos à nossa disposição confirmam que, ao longo dos três anos da sua estada em Portugal, Masino criou uma duradoura rede de amizades, algumas das quais partilhadas com o irmão Tommaso, como é o caso das amizades com o astrónomo Michele Antonio Ciera, mestre de Rodrigo de Sousa Coutinho, e com o teólogo Manuel do Cenáculo.

Nos documentos conservados no arquivo do castelo de Masino encontra-se também um interessante testemunho sobre livros úteis para a sua missão que Carlo Francesco levou consigo para Lisboa, não eram apenas manuais para diplomatas, mas também ensaios atualizados de história, direito e economia<sup>17</sup>. Entreposto entre os mais importantes da Europa, encruzilhada entre o Velho e o Novo Mundo e lugar de experimentações políticas e urbanísticas, Portugal, e sobretudo a cidade de Lisboa, era nessa altura um lugar de grande interesse para um diplomata, quer numa perspetiva política e comercial, quer cultural. Numerosos eram os piemonteses que se tinham fixado em Lisboa, entre os quais os livreiros Reycends e Guibert, originários de Briançon<sup>18</sup>, aos quais Masino confiou o envio para Turim de numerosas encomendas de livros destinadas aos filhos, aos irmãos e aos amigos. Carlo Francesco mandou gravar e imprimir pela Impressão Régia de Lisboa uma série de *ex libris* heráldicos para os apor nos seus livros, a matriz ainda existe e tem sido utilizada em várias ocasiões pelos herdeiros. Numerosos de resto são os volumes portugueses presentes na *Biblioteca dello Scalone*, entre os quais

---

<sup>16</sup> ASCM, *ivi*, Meneses a Masino, Turim 15 de setembro de 1770.

<sup>17</sup> Sobre esta literatura *ver* FRIGO D. (1991), pp. 219-229.

<sup>18</sup> Cf. BRAIDA L. (1995), *Il commercio delle idee. Editoria e circolazione del libro nella Torino del Settecento*, Firenze; CHIARLE L. (2006), *L'Europa del libro: librai torinesi a Lisbona nel '700*, Torino.

livros e opúsculos sobre o terramoto de Lisboa e a reconstrução da cidade, vários livros e folhetos sobre a expulsão dos Jesuítas, obras de história contemporânea como o *Compendio historico do estado da universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados*, mandado publicar pelo cardeal da Cunha e por Pombal para denunciar as alegadas malfeitorias dos Jesuítas<sup>19</sup>; e também textos literários e poéticos, como *Os Lusíadas* de Camões, e sobretudo muitos libretos, todos de autores italianos, que testemunham uma intensa frequência da vida teatral e musical da capital portuguesa. Todas as semanas nos teatros da Rua dos Condes, de Salvaterra, ou diretamente na corte, encenavam-se os textos de autores celebrados em toda a Europa como Metastásio, com músicas de compositores de renome como Gaetano Pugnani, Nicola Piccinni, Niccolò Jommelli, Giuseppe Gazzaniga<sup>20</sup>.

Acerca das questões menores que Masino tratou durante a sua missão em Lisboa fica-se a saber algo através dos despachos que enviou para Turim<sup>21</sup>, e também por uma pasta, conservada no arquivo do castelo de Masino, de *Memorie riguardanti il Portogallo* relativas

---

<sup>19</sup> «On s'y propose de l'informer de tous les maux qu'on y dit causés par les Jésuites aux études de ces Royaumes pour qu'on puisse mieux en individuer les rémèdes qui doivent être l'objet des nouveaux réglemens par les quels SM y pourvoira » (ASTo, *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6 : Masino a Lascaris, Lisboa 10 de setembro de 1771).

<sup>20</sup> «Comme on est en coutume d'envoyer toutes les années à SM la Reine du Portugal la musique des Opéras que l'on représente ici pendant le Carnaval, on a fait copier la musique des deux Opéras de cette année et on vous l'a envoyée pour que vous la présentiez à la Princesse». « J'ai retiré et fait apporter d'abord à la Cour la musique et les livres des trois Opéras en question; ils étoient attendus, et ont fait le plaisir accoutumé ». «Samedi et dimanche ont été toutes soirées d'Opera, où Comédie, aux quelles LLMM ont assisté» (ASTo, *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6: Raiberti a Masino, Turim 21 de julho de 1770; Masino a Lascaris, 10 e 11 de setembro 1770).

<sup>21</sup> ASTo: *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6; ASTo: *Negoziazioni colle corti di Spagna e Portogallo*, m. 1, n. 6: *Istruzioni originali di S.M. al C.te Masino (26 de novembre de 1769)*.

quer a questões surgidas em anos anteriores e ainda abertas, quer a novas questões que dizem respeito a súbditos piemonteses, na sua maioria comerciantes, residentes em Portugal e envolvidos em contenciosos pelos quais pediam a proteção da sua embaixada<sup>22</sup>. Ao examinar a correspondência do embaixador encontram-se também informações inéditas sobre a recuperação das caixas supérstites<sup>23</sup>: resgatadas por alguns missionários e tendo chegado fortuitamente a Lisboa no verão de 1770, depois de terem sido verificadas e controladas, foram enviadas para Génova, sob a vigilância de Tommaso Valperga de Caluso. As caixas continham os achados recolhidos pelo naturalista e arqueólogo de Pádua Vitaliano Donati, professor de história natural na universidade de Turim, desaparecido em 1762 ao largo de Goa, após ter realizado, por conta do governo piemontês, uma expedição no Egipto e uma no oriente. Devolvidos aos museus de Turim, graças ao empenho dos irmãos Valperga e à colaboração do diretor do Jardim Botânico de Lisboa, Domenico Agostino Vandelli de Pádoa (que fora colega e amigo de Donati) e do diretor do de Turim, Carlo Allioni, os achados de Donati enriqueceriam o nascente museu universitário de ciências naturais e constituiriam o primeiro núcleo do futuro Museu Egípcio<sup>24</sup>. No dia 15 de setembro de 1770 o embaixador português em Turim, Henrique de Meneses, escreveu a Masino felicitando-o por ele ter feito em três meses mais do que o seu antecessor fizera em sete anos e comunicando-lhe que o rei ficara muito satisfeito com a recuperação das caixas de Donati: «il

---

<sup>22</sup> ASCM, m. 472, fasc. 7595: *Memorie riguardanti il Portogallo (1762-72)*.

<sup>23</sup> «Je ne crois pas qu'il se soit égarés rien de valeur – referia Masino – mais tout ce qui pouvoit se gâter est absolument en poussière» (ASTo: *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6: Masino a Raiberti, 31 de julho de 1770).

<sup>24</sup> ASTo: *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6, Masino a Raiberti, 10 de julho de 1770 e seguintes. Sobre Donati cf. GRMEK M. (1992), *Donati, Vitaliano*, in DBI, vol. 41, Roma, pp. 62-64; ROMAGNANI G. P. (2011), *Vitaliano Donati*, in *Venezia e l'Egitto. Catalogo della mostra*, edição de E. M. Dal Pozzolo, R. Dorigo e M. P. Pedani, Milano, p. 329.

en fait plus de cas que si vous aviez trouvé un trésor pour lui» e que isso lhe granjeara «dans l'esprit du Roi une grande réputation»<sup>25</sup>.

#### 4. No Portugal de Pombal

Antes de passar em resenha as mais relevantes questões políticas que Masino enfrentou durante a sua missão, temos de nos perguntar qual era a imagem que a opinião culta piemontesa tinha de Portugal<sup>26</sup>. Entre outros, dois tinham sido e continuavam a ser os elementos de maior interesse e preocupação: 1) as consequências do dramático terramoto-maremoto que no dia 1 de novembro de 1755 destruíra quase totalmente a cidade de Lisboa, provocando entre 60.000 e 90.000 mortos numa população estimada em 275.000 habitantes<sup>27</sup>, mas que permitira ao ministro Pombal realizar um plano grandioso de reconstrução da cidade, novamente edificada no espaço de poucos anos segundo um modelo racionalista. A catástrofe tinha sido interpretada quer como um castigo divino, quer como um aviso capaz de diminuir o excessivo otimismo da cultura do primeiro iluminismo. Pense-se nas reflexões de Voltaire contidas nas cartas, no *Poème sur le désastre de Lisbonne* e no *Candide*<sup>28</sup>. 2) Para a sociedade portuguesa o terramoto fora duplamente devas-

---

<sup>25</sup> ASCM: m. 387, fasc. 6741: *Lettere degli ambasciatori portoghesi*, Meneses a Masino, Turim 15 de setembro de 1770.

<sup>26</sup> Acerca da imagem de Portugal no século XVIII cf. BRAGA SANTOS P. (1987), *Lisboa setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa; FERRO TAVARES M. J. (1990), *A sociedade portuguesa vista pelos estrangeiros estrangeirados*, em *Sociedade e Cultura Portuguesas*, Lisboa; CARNEIRO A., DIOGO M. P., SIMÕES A. (2000), *Imagens do Portugal setecentista. Textos de estrangeirados e de viajantes*, em «Revista Penélope», 22, 2000, pp. 73-92.

<sup>27</sup> POIRIER J.-P. (2005), *Le tremblement de Terre de Lisbonne*, Paris.

<sup>28</sup> Cf. BESTERMAN T. (1956), *Voltaire et le désastre de Lisbonne ou la mort de l'optimisme*, «Studies on Voltaire and the Eighteenth Century», pp. 7-24; BACZKO B. (1999), *Giobbe amico mio. Promesse di felicità e fatalità del male*, Roma, pp. 15-25.

tador, quer pelas perdas humanas e materiais, quer por ter sido a ocasião para uma ação decidida de Pombal<sup>29</sup>, protagonista da reconstrução, contra o clero e em particular contra a Companhia de Jesus e contra a aristocracia parasitária, afetada duramente com a limitação dos seus privilégios e sujeita a um apertado controlo por parte do governo. A reação da nobreza, que em 1758 se concretizou numa conspiração contra o ministro e numa tentativa de assassinato do rei, desencadeou uma resposta inflexível e desapiedada por parte de Pombal que mandou prender, processar e condenar à pena de morte, com a acusação de alta traição, o marquês de Távora e toda a sua família, uma das mais poderosas de Portugal. Os bens dos Távora foram apreendidos, as suas residências destruídas, as terras cobertas de sal e o seu nome apagado do livro da nobreza portuguesa. Grande repercussão tiveram em toda a Europa, em 1758, os decretos com os quais Pombal suprimiu a Companhia de Jesus e a expulsão de todos os Jesuítas do Reino de Portugal, o que provocou uma grave crise diplomática entre Lisboa e a Santa Sé, e também a reação das monarquias católicas. Em 1760 uma parte dos opúsculos sobre o assunto foi traduzida e publicada em várias recolhas por livreiros de Veneza. Os meios reformadores e anticlericais italianos manifestaram imediatamente o seu apreço pela ação do ministro português, desejando iniciativas semelhantes também em Itália. As notícias que de Lisboa chegavam a Turim, não diziam respeito apenas ao terramoto, às reformas e à supressão dos jesuítas; na última fase da guerra dos Sete Anos, entre maio e novembro de 1762, a Espanha e a França atacaram Portugal, ocupando parte do seu território e pedindo a D. José I que fechasse os portos aos ingleses e excluísse a Inglaterra do comércio com o Brasil. A resistência portuguesa, apoiada pela finança e pelas armas britânicas

---

<sup>29</sup> Sobre Pombal cf. MAXWELL K. (1995), *Pombal paradox of the Enlightenment*, Cambridge.

conseguiu derrotar os adversários e rechaçar com êxito a invasão, mas teve como consequência uma maior subordinação da política externa portuguesa à britânica e a quebra das relações diplomáticas com a corte de Madrid. Entre as indicações que Masino recebera do rei, quando partiu para a sua missão, havia em primeiro lugar a de acompanhar as difíceis relações entre a Coroa portuguesa e a Santa Sé, alarmada com os decretos contra os jesuítas e sujeita a fortes pressões por parte das monarquias de Espanha, de Parma e de Portugal que queriam obter a supressão da Companhia fundada por Inácio de Loyola.

Valperga di Masino chegou a Lisboa em 16 de fevereiro de 1770 e foi recebido imediatamente por Pombal e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Luís da Cunha, enquanto pela audiência com o rei teve de esperar até ao dia 6 de março, altura em que a corte voltou da quinta em Salvaterra. Masino teve uma impressão geralmente positiva de Pombal, embora não isenta de críticas pelos métodos de governo adotados, e que confirmava o que o amigo Meneses lhe antecipara<sup>30</sup>. Ao longo do primeiro ano da sua embaixada, Masino teria a oportunidade de assistir à apoteose do primeiro-ministro português que em 1770 recebeu do rei o título de marquês de Pombal e foi objeto de numerosos elogios poéticos, que o embaixador reuniu e guardou com zelo, enquanto na praça principal de Lisboa foi erguida a estátua equestre de D. José I.

Quase ao mesmo tempo de Masino, em 26 de novembro de 1769, foi nomeado o novo Núncio em Lisboa, Innocenzo Conti, que chegaria ao seu destino apenas em 28 de junho de 1770, após mil peripécias e atrasos. Era um sinal evidente que o papa recém-eleito,

---

<sup>30</sup> Com as seguintes palavras Henrique de Meneses preparou Masino para o encontro com Pombal: «Vous trouverez dans le Ministère notre Mello, c'est un agrément de plus pour vous, et vous le rencontrerez un homme accompli, quand vous pouvez je vous prie de lui parler quelque foi de moy» (ASCM, m. 387, fasc. 6741: Meneses a Masino, 17 de janeiro 1770).

Clemente XIV Ganganelli, tinha a séria intenção de restabelecer boas relações com Portugal, ao fazer, aliás, umas concessões a Pombal, como foi o caso da nomeação para cardeal do irmão dele, Paulo de Carvalho de Mendonça, que porém morreu em 17 de janeiro de 1770, doze dias antes da proclamação dos novos cardeais no Concistório. Grande parte da correspondência que Masino enviou para Turim ao longo do ano de 1770 diz respeito às relações entre Portugal e a Santa Sé, e contém muitos comentários sobre o delicadíssimo papel de monsenhor Conti, homem que agradava a Pombal por ser considerado um inimigo feroz dos Jesuítas, e que tinha sido incumbido da tarefa de reerguer a Nunciatura. Em 29 de maio de 1770 o embaixador piemontês relata ter ouvido da viva voz de Pombal que «le nouveau Pape – dit-il – homme d’esprit et en même temps grand politique, a très bien connu qu’il n’a aucun des prétendus droits que les moines et les prêtres, nommément les Jésuites, lui donnoient (...). Tout ce que j’ai à dire est que les idées du Ministre paroissent diamétralement opposées à celles que la Cour de Rome a montrées jusqu’ici»<sup>31</sup>. Ao falar do primeiro-ministro português em 19 de junho de 1770 Masino notava também: «nous le voyons rarement et peu, mais je ne me souviens pas de l’avoir vû une fois sans qu’il ne nous en ait parlé [da supressão dos Jesuítas]». Entre os meses de junho e julho, Masino descreve a recepção solene prestada em Portugal ao Núncio, do qual se julgava certa a nomeação para cardeal. O embaixador, porém, considerou pouco oportuno que quem recebera e acompanhara Conti na audiência com o rei tivesse sido o livreiro romano Nicolò Pagliarini, excomungado e condenado em Roma por ter publicado opúsculos jansenistas e anti-jesuítas e forçado a refugiar-se primeiro em Nápoles e depois em Portugal, sob a proteção de Pombal que

---

<sup>31</sup> ASTo, *Lettere Ministri Lisbona*, m.6: Masino a Raiberti, 27 de março e 29 de maio de 1770.

em 1769 o nomeara diretor da nova Imprensa Régia de Lisboa<sup>32</sup>. Com efeito, em 3 de julho de 1770, Masino refere que o Núncio «il s'est jetté entièrement dans les mains de Pagliarini. C'est lui qui l'a accompagné diner au soir chez le comte D'Oeyras. Il ne vous paroitra pas peu surprenant et extraordinaire qu'une personne qui a été poursuite et condamné à Rome soit l'homme de confiance et l'introducteur de son ambassadeur à Lisbonne». Poucas semanas depois o livreiro romano obteve plena satisfação com a anulação por parte de Clemente XIV da condenação cominada dez anos antes e com a atribuição da Ordem da Espora de Ouro. Em 11 de julho, Pombal podia declarar publicamente o seu contentamento e boa disposição com o pleno restabelecimento da paz com Roma. «Le Comte flatte de belles espérances et de grandes promesses le nouveau Nonce », comenta Masino em 14 de agosto de 1770. Nos seus numerosos despachos para a Secretaria de Estado, monsenhor Conti declara-se plenamente satisfeito com o andamento geral da situação, sublinhando a sinceridade das intenções dos monarcas e do primeiro-ministro português. No dia 6 de agosto também o papa manifestou a sua boa vontade ao elevar a cardeal João da Cunha, irmão do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, e ao nomear os titulares de seis sedes episcopais. Em 25 de agosto Masino escreve ao rei: «L'on tient pour sûre toujours l'abolition des Jésuites». Todavia Pombal não parecia ainda satisfeito e prolongava as negociações pedindo mais concessões, como a supressão de alguns conventos, para poder apoderar-se das rendas, e recusando libertar o arcebispo da Cunha. «Il paroît manifestement que le Marquis de Pombal commence à s'ennuyer d'attendre trop longtemps la suppression promise», escreve a 13 de novembro Masino, e acrescenta : «Le pauvre Conti est contraint de voir et de se taire», enquanto o Papa parecia totalmente sossegado: « Le Pape, dites-

---

<sup>32</sup> FRANCHI S. (2014), *Pagliarini* em DBI, vol. 80, Roma.

-vous, est content, promène à cheval à Castel Gandolfo et ne veut en même temps entendre parler d'autre chose que de la Nonciature en Portugal. S'il n'y eût pas si loin de Rome à Lisbonne, il verroit peut-être autrement la chose »<sup>33</sup>. Em 5 de maio de 1772 Masino escreve ao rei: «Le Marquis de Pombal est fixé dans ses vues et ferme dans son système, tant par rapport aux Jésuites que pour toutes les autres affaires du Portugal avec Rome, et tant qu'il vivra il est bien sûr que cette dernière, malgré ses avances, et toute la finesse de son manège elle n'arrivera point à la satisfaction de voir jamais la résolution d'aucune chose». A primeira fase da negociação entre Lisboa e Roma pareceu concluir-se com a designação de Conti para cardeal *in pectore* em 23 de setembro de 1771, por sugestão de Pombal, e com a sucessiva publicação da nomeação que punha termo à sua nunciatura. A aguardada Bula pontifícia de supressão definitiva da Companhia de Jeus todavia ainda não saíra. «A l'exception de l'affaire des Jésuites – comenta Masino em 12 de janeiro de 1773 – le Portugal paroît aujourd'hui prendre bien peu de part à tout ce qui se passe ailleurs». Como é notório o decreto de supressão da Companhia de Jesus foi promulgado por Clemente XIV no dia 21 de julho de 1773 e monsenhor Conti foi informado pouco antes de o novo Núncio em Lisboa ser nomeado em 2 de outubro. A 7 de setembro Masino escreve para Turim: «Nous avons eu hier (...) la nouvelle de l'exécution le jour 16 d'aout de la Bulle du 21 juillet pour l'extinction et suppression des Jésuites. La joie avec laquelle elle a été reçûe égale l'attente impatiente dans laquelle en étoit. Je n'entre pas dans les détails du contenu d'icelle et de ce que nous apprenons qui s'est fait, dont V.E. amplement et long tems avant nous aura été instruite».

---

<sup>33</sup> ASTo, *Lettere Ministri Portogallo*, m.6: Masino a Raiberti, Lisboa 13 de novembro de 1770.

## 5. Vittorio Alfieri em Lisboa (1771-72)

Acontecimento certamente de menor relevo em relação às tarefas diplomáticas do embaixador, mas que não pode ser descurado, sobretudo pelas suas consequências intelectuais, foi a estadia em Portugal do jovem Vittorio Alfieri, então com vinte e um anos, durante o inverno de 1771-1772. A estadia fora anunciada a Masino com uma carta privada do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros Lascaris di Castellar<sup>34</sup>, e a presença de Alfieri em Londres (com a sua intenção de passar nessa cidade o verão para depois seguir para Espanha e Portugal) já tinha sido comunicada em janeiro de 1771 pelo colega Scarnafigi, embaixador na Inglaterra<sup>35</sup>. Na mesma carta Scarnafigi informou Masino também acerca da chegada a Londres do marquês de Barolo<sup>36</sup>, seu hóspede, que tendo aportado à capital inglesa no mês de outubro com a intenção de permanecer quarenta dias, decidira prolongar a sua permanência: «mais l'air humide, la fumée qu'il respire, la bière forte qu'il boit, ont été pour lui un remède si salutaire et l'ont si parfaitement rétabli que j'espère de le retenir jusqu'à la fin du mois prochain»<sup>37</sup>. Nessa altura Barolo era um dos

---

<sup>34</sup> ASCM, m. 403, fasc. 6895: *Lettere del conte Lascaris di Castellar*, Turim 3 de agosto de 1771, Turim 22 de fevereiro de 1772; Turim 22 de maio de 1772.

<sup>35</sup> ASCM, m. 403, fasc. 6897: *Lettere del conte di Scarnafigi*, Londres 12 de janeiro de 1771.

<sup>36</sup> Trata-se do quarentão marquês Carlo Giuseppe Falletti di Barolo (1731-1800) – conhecido nos meios maçónicos como *Joseph a duobus Aquilis*, durante muitos anos *Commendatore Capitolare di Milano*, ou seja coordenador das lojas da Itália do norte e desde 1779 Grã Prior de Itália, em cujo salão literário se reuniam aristocratas, literatos e diplomatas, na sua maioria filiados na maçonaria, como o inglês Louis Dutens, o francês Sabatier de Cabre e o napolitano Domenico Caracciolo – pai de Carlo Giuseppe, Ottavio Alessandro Falletti di Barolo (1753-1828), também ele amigo de Vittorio Alfieri e de Carlo Denina e animador do «Parlamento Ottaviano», um dos primeiros periódicos italianos de opinião, nos moldes do «Spectator» de Addison. Sobre Falletti di Barolo e a maçonaria italiana cf. MARUZZI P. (1928), *Notizie e documenti sui Liberi Muratori in Torino nel sec. XVIII*, in «Bollettino Storico Bibliografico Subalpino», XXX (1928), pp. 115-213 e 397-517; XXXII (1930), pp., 33-100 e 241-314.

<sup>37</sup> ASCM: m. 403, fasc. 6897: *Lettere del conte di Scarnafigi* cit., Londres 12 de janeiro de 1771.

mais importantes dignitários da maçonaria piemontesa, reconhecida pelo Grande Oriente de Londres, destinado a assumir em 1779, com a eleição para o cargo de Grão Prior de Itália, a condução das lojas maçônicas de todos os Estados italianos. Não é de excluir que a prolongada estadia em Londres de 1771 tenha sido determinada também por motivos ligados às suas relações maçônicas. Vittorio Alfieri, que nessa altura estava em Londres, relembra-o como habitual frequentador da residência do embaixador napolitano Domenico Caracciolo e de «une cômterrie de gens d'ésprit chez Caraccioli, qui me font l'honneur de m'admettre»<sup>38</sup>.

Vittorio Alfieri era pessoa conhecida junto da família Valpergato que, entre 1757 e 1761, partilhara a camarata na Academia Real de Turim com os dois filhos mais velhos de Carlo Francesco: Giovanni Amedeo marquês de Caluso (1746-1806) e Alessandro conde de Albaretto (1748-1808), animadores de sociedades juvenis, mais tarde altos oficiais do exército do Piemonte, mas em particular, a partir do começo da década de 70, grãos dignitários da maçonaria da Ordem da Estrita Observância<sup>39</sup>. Tratava-se por isso de um amigo de família. Chegado à capital portuguesa na véspera do Natal de 1771, vindo de Espanha, Alfieri ficara logo impressionado com os contrastes presentes em Lisboa:

Lo spettacolo di quella città, la quale a chi vi approda, come io, da oltre il Tago, si presenta in aspetto teatrale e magnifico quasi quanto quello di Genova, con maggior espansione e varietà,

---

<sup>38</sup> ALFIERI V. (1981), *Epistolario*, edição de L. Caretti, Asti, vol. I, n. 4, p. 12.

<sup>39</sup> BIANCHI P. (2003), “*Quel fortunato e libero paese*”. *L'Accademia Reale e i primi contatti del giovane Alfieri con il mondo inglese*, in *Alfieri e il suo tempo* (Actas do colóquio internacional Turim-Asti, 29 de novembro-1 de dezembro 2001), edição de M. Cerruti, M. Corsi, B. Danna, Firenze, pp. 89-112 e MERLOTTI A. (2003), “*Compagni de' giovenili errori*”. *Gli amici di Alfieri fra Accademia reale e “Société des Sanguignon” (1771-1778)*, in *Vittorio Alfieri aristocratico ribelle (1749-1803)*, edição de R. Maggio Serra, F. Mazzocca, C. Sisi, C. Spantigati, Milano, pp. 154-156.

mi rapì veramente, massime in una certa distanza. La meraviglia poi e il diletto andavano scemando all'approssimar della ripa, e intieramente poi mi si trasmutavano in oggetto di tristeza e squallore allo sbarcare fra certe strade, intere isole di muriccie avanzi del terremoto, accatastate e spartite allineate a guisa di isole di abitati edifizii. E di cotali strade se ne vedevano ancora moltissime nella parte basa della città, benché fossero ormai trascorsi quindici anni dopo quella funesta catastrofe<sup>40</sup>.

Tendo uma carta de recomendação do ministro Lascaris, Alfieri foi imediatamente apresentado por Masino a Pombal e Cunha, e recebido pelo rei<sup>41</sup>. Para Carlo Francesco di Masino, ao qual pouco tempo antes tinha morrido prematuramente o filho mais novo<sup>42</sup> que fora amigo de Alfieri, o encontro com o jovem aristocrata piemontês constituiu certamente uma ocasião de alegria e de consolo, como lembraria uns meses mais tarde o próprio ministro Lascaris ao escrever: «Pour ce que j'ay expérience moi même pendant mes longues résidences au dehor, je juge aisément du plaisir que doit vous avoir procuré le séjour du comte Alfieri à Lisbonne. Un patriote aimable souhaitant comme celuy don't il est permit dans ces circonstances un ange de consolation»<sup>43</sup>. Para o jovem Alfieri a estadia em Lisboa foi sobretudo a ocasião para aprofundar o conhecimento de Tommaso Valperga di Caluso que se tornaria um dos seus mais íntimos amigos ao longo da vida.

---

<sup>40</sup> ALFIERI V. (1987), *Vita*, org. A. Dolfi, Milano, cap. XII, pp. 160-161.

<sup>41</sup> ASTO, *Lettere Ministri Portogallo*, m. 6: Masino a Lascaris, 31 de dezembro de 1771.

<sup>42</sup> Trata-se de Giovanni Cosimo Valperga, marquês de Rondissone, sexto filho (mas terceiro dos vivos), que entrou no exército com o grau de 'cornetta di cavalleria' e faleceu com 19 anos em 16 de outubro de 1771. ASCM, m. 440: *Serie de' gradi di Padre in figlio de' Signori Conti di Masino, Conti di Valperga, Marchesi di Caluso...*

<sup>43</sup> ASCM, m. 403, fasc. 6895: *Lettere del conte Lascaris di Castellar*: Turim 22 de maio de 1772.

Quel mio breve soggiorno in Lisbona di circa cinque settimane, sarà per me un'epoca sempre memorabile e cara, per avervi io imparato a conoscere l'abate Tommaso di Caluso, fratello minore del conte Valperga di Masino allora nostro ministro in Portogallo. Quest'uomo, raro per l'indole, i costumi e la dottrina, mi rendé delizioso codesto soggiorno, a segno che, oltre al vederlo per lo più ogni mattina a pranzo dal fratello, anche le lunghe serate dell'inverno io preferiva pure di passarmele intere da solo a solo con lui, piuttosto che correre attorno pe' divertimenti sciocchissimi del gran mondo. Con esso io imparava sempre qualche cosa, e tanta era la di lui bontà e tolleranza, che egli sapea per così dire alleggerirmi la vergogna ed il peso della mia ignoranza estrema, la quale tanto più fastidiosa e stomachevole gli dovea pur comparire, quanto maggiore ed immenso era in esso il sapere. Cosa che, non mi essendo fin allora accaduta con nessuno dei non molti letterati ch'io avessi dovuti trattare, me li avea fatti tutti prendere a noi<sup>44</sup>.

É notório que Alfieri atribui justamente ao encontro com Tommaso di Caluso a sua descoberta da «arte della poesia», «il quale pure non fu che un brevissimo lampo, che immediatamente si tornò a spegnere, e dormì poi sotto cenere ancora degli anni ben molti»<sup>45</sup>. Anos mais tarde, ao escrever a sua autobiografia, Alfieri reconhecera a sua dívida para com Caluso que definiu um «uomo unico, che è un Montaigne vivo»<sup>46</sup>.

Quanto poi alla città di Lisbona – comenta o escritor na sua autobiografia – dove non mi sarei trattenuto neppur dieci giorni, se non fosse stato l'abate, nulla me ne piacque fuorché in generale

---

<sup>44</sup> *Ivi*, p. 161.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> *Ivi*, p. 162.

le donne, nelle quali veramente abonda il *lubricus adspici* di Orazio. Ma, essendomi ridivenuta mille volte più cara la salute dell'animo che quella del corpo, io mi studiai e riuscii di sfuggire sempre le oneste<sup>47</sup>.

Um juízo semelhante acerca das mulheres portuguesas tinha sido partilhado, aliás, pelo antigo embaixador conde de Scarnafigi o qual, já em Londres no começo de 1771, escrevera ao amigo Carlo Francesco di Masino: «Comme sûrement à l'heure qu'il est vous vous serez déjà aperçu qu'il n'y a nulle part au monde qu'en Portugal où les Femmes soient des véritables Femmes, je vous prie de ne les pas négliger et de leur rendre justice»<sup>48</sup>.



Figura 3 – Abade Tommasi Valperga e Vittorio Alfieri

---

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> ASCM, m. 403, fasc. 6897: *Lettere del conte di Scarnafigi*: Londres 12 de janeiro de 1771.

## 6. A queda de Pombal através dos despachos dos diplomáticos piemonteses em Lisboa e em Madrid (1777)

Seja-nos permitido dar um salto cronológico de alguns anos para documentar, sempre através dos despachos de Valperga di Masino, que entretanto se mudara de Lisboa para Madrid, os ecos da queda de Pombal, depois da morte de D. José I. Na primavera de 1776, perante o agravamento da doença do rei de Portugal, semiparalítico e mudo por uma hemorragia cerebral, e as notícias da sua iminente morte, a corte de Turim era pontualmente informada pelo ministro plenipotenciário em Lisboa, o conde Fontana, o qual acompanhava a crise, manifestando admiração pela ação de Pombal: «Pombal, suivant sa coûtume ordinaire lorsque le roi son maître est malade, se montre plus souvent en public depuis quelque tems avec un air très débarrassé»<sup>49</sup>. D. José I sobreviveria mais uns meses, enquanto o poderoso ministro mantinha aparentemente intacto o seu poder, numa conjuntura internacional cada vez mais instável, e quando as tensões com a corte de Madrid e com a Santa Sé se faziam sentir.

Em 9 de novembro de 1776, Aigueblanche informava Masino acerca do despedimento de Tanucci, enquanto Masino informava o rei sobre a aguardada demissão do ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol Girolamo Grimaldi<sup>50</sup>. Em 21 de janeiro de 1777 o embaixador em Lisboa, Fontana, anunciava a iminente crise de governo, sucessiva à tomada dos plenos poderes por parte da rainha D. Maria I, e notava que a crise de governo surpreendia o ministro a meio do caminho, quando a sua obra não estava ainda

---

<sup>49</sup> ASTo, *Lettere ministri Portogallo*, m. 8, n. 2: Lisboa 30 de abril de 1776. Além de simpatizar com a política de Pombal (e por outras razões com a de Frederico da Prússia), Fontana não esconde a sua orientação anticlerical que o levará, na altura da sua embaixada em Berlim, a casar com uma nobre alemã de fé protestante.

<sup>50</sup> ASTo, *Lettere Ministri Spagna*, m. 88: despachos de 18 e de 30 de novembre de 1776.

concluída: incerta a «discipline» que ele procurara incutir no exército; frágeis os «bons établissements faits pour tirer le pays de la léthargie où la superstition l'avoit plongé»; não passavam de «des ébauches, soit parce qu'il n'a pas eû le loisir de veiller lui-même à leur progrès, que parce que sa jalousie ne lui a pas permis d'en confier la direction à des personnes d'un mérite proportionné à l'importance des emplois»<sup>51</sup>. Por seu lado, em 27 de janeiro, Masino notava como:

à l'égard du Monsieur le Marquis de Pombal, nous avons eu ici le détail successif de toutes les remarques qui ont été faites tant sur l'apparent de son humeur que de quelques unes de ses démarches, depuis que par l'état de la maladie du Roi, la Régence a passé à la reine du Portugal. Les supposés reproches de cette Princesse relativement aux différences avec l'Espagne, peuvent avoir été un motif de mortification pour le susnommé Ministre; néanmoins ici on regarde uniquement son inquiétude comme produite de sa brouillerie éclatante avec le Cardinal Da Cunha, de laquelle il n'a trouvé encore le moyen de se venger.

Sinais de crise embora o crédito do poderoso ministro não parecesse substancialmente afetado:

Au reste le crédit du Ministre, pourtant quoique affoibli, n'est point encore considéré perdu. On ne voit point parmi le nombre infini de personnes qui intérieurement lui sont contraires, que jusqu'ici aucun ait osé se déclarer du parti du Cardinal, et il faut croire que tant qu'il y aura une ombre de l'existence du Roi, qu'il se maintiendra comme il a toujours fait, et que la Régente ne pourra rien ni sur lui, ni sans lui.

---

<sup>51</sup> VENTURI (1984), pp. 205-206.

Após a morte de D. José I, a queda de Pombal, formalizada no dia 24, foi recebida sem grande espanto e imediatamente comparada com as de Tanucci em Nápoles e de Grimaldi em Madrid, que se verificaram pouco antes. Em 4 de Fevereiro, Masino informava o rei sobre a iminente demissão de Pombal; a 4 de março Fontana escrevia para Turim: «Les révolutions que nous pouvons prévoir dans ce gouvernement seront proportionnées au despotisme absolu (et sans l'exemple dans l'histoire) du ministre dont la chute répand une joye inexprimable dans le public»<sup>52</sup>. Umas semanas mais tarde, comentava com as seguintes palavras: «Il est des gens, même parmi les Portugais, qui commencent à connoître que le marquis de Pombal avoit procuré différents avantages réels à son pays que l'on ne saura peut-être pas conserver dans la suite: ce qui s'est déjà manifesté soit par quelques traits de despotisme de la noblesse, soit par la licence du peuple»<sup>53</sup>. Em 10 de março Masino manifestava a sua esperança que a queda do ministro português pudesse favorecer uma aproximação com a Espanha: «Ce qui s'annonce au Portugal après la mort du Roi fait espérer que le crédit du Marquis de Pombal, étant à son terme, et dernier période, que le Ministre qui lui succédera sans changer rien au Système en général, sur les différents de cette Cour avec celle-ci n'adoptera pas le Plan brusque qu'on lui connoissoit de rien céder et traiter par la force, ce que avec plus d'avantage et de satisfaction réciproque peut etre, pourroit se régler par une négociacion amiable». O próprio Aigueblanche percebia perfeitamente a mudança de clima em curso, ao observar num despacho de 12 de abril de 1777: «Si les qualités qu'on attribue à ceux que la Reine du Portugal vient de placer à la tête des départements ne sont pas apparentes, on verra de grands changements dans les affaires. Quels qu'ils soient ils seront tou-

---

<sup>52</sup> ASTo, *Lettere ministri Portogallo*, m. 8, n.2: 4 de março de 1777.

<sup>53</sup> Ivi, 24 de junho de 1777.

jours applaudis en Portugal pourvu qu'ils tendent à renverser les dispositions du Marquis de Pombal. La Nation montre aujourd'hui autant d'animosité pour ce Seigneur qu'elle en avoit de crainte pendant son Ministère»<sup>54</sup>. Masino, por seu lado, perguntava a si próprio de que forma a mudança influenciaria o quadro político internacional. A resposta chegou cedo: o tratado com Espanha, cujas bases tinham sido estabelecidas em outubro de 1777, graças ao empenho do embaixador português em Madrid, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, pôs fim às longas disputas sobre as colónias americanas, prelúdio para uma diferente colocação internacional de Portugal, agora mais próximo das monarquias dos Bourbon, aliadas com Viena, do que da Inglaterra, em cuja aliança se baseara a política de Pombal. A reaproximação entre os dois reinos ibéricos estava em curso, num contexto que via a Espanha libertar-se um pouco do apertado pacto de família com a França. Por este motivo a posição do embaixador Sousa Coutinho tornou-se cada vez mais delicada. É, de facto, nessa altura, em novembro de 1777, que Francisco Inocêncio pede ao filho Rodrigo para ir ter com ele, aproveitando a ocasião de acompanhar a rainha-mãe a Madrid. Para o jovem aristocrata essa viagem constituiria a premissa de uma brilhante carreira.

A mudança em curso em Portugal será descrita três anos mais tarde pelo novo representante piemontês em Lisboa, o conde Nomis Pollone, o qual constata que «le Nonce exerce sa jurisdiction dans toute son étendue, sans aucun trouble ni contrariété de la part du gouvernement», e que «la situation de cette Cour est toujours la même, c'est à dire celle d'une puissance impuisante»<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> ASTo: *Lettere Ministri Spagna*, m. 88: Turim 12 de abril de 1777.

<sup>55</sup> ASTo, *Lettere Ministri Portogallo*, m. 10: 23 de maio de 1780.

## **7. De Lisboa a Madrid. A Espanha de Carlos III, o conflito com Portugal na América do Sul e a luta pela independência das colônias britânicas (1773-76)**

Mas regressemos aos últimos meses da embaixada de Masino em Lisboa. Poucas semanas antes da morte de Carlos Emanuel III, em 12 de janeiro de 1773, Tommaso Valperga di Caluso escreve ao irmão de Turim, expressando-se com palavras de fácil interpretação e pondo-o a par das manobras que se verificavam a todos os níveis para obter a sua transferência de sede<sup>56</sup>. Os acontecimentos, porém, precipitar-se-iam a partir do dia 20 de fevereiro na sequência da morte do rei e da sucessão de Vítor Amadeu III. Despedido bruscamente o primeiro-ministro Bogino e substituído o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros pelo marquês Carron di Aigueblanche, todas as embaixadas piemontesas sofreram uma alternância simultânea<sup>57</sup>. Neste contexto de grande complexidade, no dia 1.º de maio de 1773, o novo Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, após ter manifestado por parte do rei a estima da corte de Turim para com o marquês de Pombal e a sua política (sinal evidente de uma mudança em curso na política externa piemontesa e do claro apoio de Vítor Amadeu III às práticas do despotismo iluminado), propunha confidencialmente a Masino de substituir Viry de la Perrière em Madrid, confirmando de forma implícita a hierarquia segundo a qual eram consideradas as várias embaixadas (na ordem: Paris e Viena, Londres, Madrid, Lisboa, Haia). No mês de agosto, chegou de Turim

---

<sup>56</sup> ASCM: m. 398, fasc. 6848: *Lettere di Tommaso Valperga di Caluso a Carlo Francesco Valperga di Masino (1759-1808)*: Turim 12 de janeiro de 1773.

<sup>57</sup> O primeiro despacho para todos os embaixadores assinado pelo novo rei, mas ainda selado por Lascaris, tem data de 20 de fevereiro de 1773; no seguinte, de 6 março, o ministro comunica que o rei nomeara um novo Secretário de Estado, mas continua a selar todos os despachos até 17 de abril; apenas a partir de 24 abril surge a assinatura de Aigueblanche. No dia 1 de maio o novo Secretário de Estado anuncia a Masino a sua mudança para Madrid, enquanto a designação oficial seria comunicada no dia 21 de agosto.

a confirmação da sua nomeação para embaixador em Madrid, com vencimento quase duplicado, de 24.000 libras anuais para 40.000 libras anuais, e por conseguinte uma nítida melhoria de estatuto social<sup>58</sup>.

Masino chegou à capital espanhola em 18 de outubro de 1773<sup>59</sup> e começou a informar a corte de Turim sobre os principais acontecimentos políticos e diplomáticos ibéricos da altura: da concretização do decreto de expulsão dos Jesuítas<sup>60</sup>; às condições das finanças espanholas, que a Masino parecem bastante boas, embora não florescentes como outrora<sup>61</sup>; às notícias sobre os motins populares de Palermo no mês de dezembro de 1773; aos ecos da morte de Luís XV, anunciada na corte de Madrid em 18 de maio de 1774, com consequente luto de dois meses; às informações sobre a expedição de 1775 contra os piratas na qual uma flotilha espanhola bombardeara Argel sem conseguir conquistá-la. As notícias mais interessantes dizem respeito às difíceis relações entre a Espanha e Portugal sujeitas a uma tensão crescente entre 1773 e 1777. Várias vezes Masino tranquiliza o seu rei, afirmando tratar-se de uma situação que Pombal alimenta de propósito para alcançar resultados mais vantajosos nos tratados diplomáticos relativos aos territórios coloniais da América do Sul. No conflito entre os dois países, Portugal, apoiado pela Inglaterra, opunha-se à Espanha, apoiada pela França e indiretamente pelos colonos americanos rebeldes, relativamente ao controlo dos territórios coloniais da América do Sul e em particular do Rio Grande do Sul, o que tinha consequências indiretas na navegação e nos comércios do Atlântico, com frequentes ações de distúrbio portuguesas ou inglesas contra navios espanhóis e consequentes ações espanholas

---

<sup>58</sup> ASCM, m. 767, fasc. 10652.

<sup>59</sup> ASTo: *Negoziazioni colle corti di Spagna e Portogallo*, m. 10 *nunc* 9, n. 11: *Copia delle Istruzioni di S.M. al C.<sup>te</sup> di Masino (16 de outubro de 1773)*.

<sup>60</sup> ASTo: *Lettere Ministri Spagna*, m. 86: Masino ao Rei, Madrid 22 de novembro de 1773.

<sup>61</sup> Ivi, Madrid 20 de dezembro de 1773.

contra a praça-forte britânica de Gibraltar. Observado de Madrid, o conflito parecia de pouca monta. Em 10 de outubro de 1774, por exemplo, após ter encontrado o embaixador inglês Lord Thomas Robinson Grantham, Masino confirmava que daquela que ele definia «une brullerie formelle» ninguém pensava poder resultar um novo conflito europeu, mas que seria dado aos ingleses «quelque renfort proportionné ceux que les Portugais pourroient y faire passer pour se maintenir en état de résister contre toutes les entreprises qu'ils pourroient y tenter»<sup>62</sup>.

Mais séria parecia, observada de Madrid, a crise na América do Norte que levara à sublevação das colónias britânicas. Em 14 de novembro de 1774, Masino enviava para Turim um despacho cifrado que comentava a situação: «Il est bien sûr que la vigoureuse opposition et refus d'acceptation d'aucune taxe quelconque des Bostoniens suivie, à ce qu'il paroît, d'une émeute en forme, met actuellement l'Angleterre, malgré tout engagement avec ses alliés, dans la nécessité de penser préalablement à ses propres intérêts, qu'à ceux des autres». Em relação às colónias da América do Norte: «Toutes les notions remises de l'Amérique septentrionale – escrevia Aigueblanche a Masino em 27 de janeiro de 1776 – démontrent que l'intention des Colonies Angloises est de ne se vouloir plier. Les rebelles font des préparatifs continuels»<sup>63</sup>. A resposta de Masino de 19 de fevereiro de 1776 expunha todas as preocupações que se podiam notar na corte espanhola:

Touchant les nouvelles de l'Amérique Angloise, les succès des rebelles dans le Canada, la continuation des préparatifs et leur union pour soutenir leur liberté contre les prétendues vûes d'oppression injuste et tyrannique de la Mère Patrie, représentent les

---

<sup>62</sup> ASTo: *ivi*: Masino ao Rei, Madrid 2 de dezembro de 1776.

<sup>63</sup> ASTo: *ivi*: Aigueblanche a Masino, Turim 27 de janeiro de 1776.

choses dans un aspect qui ne laisseroit pas de causer quelque inquiétude à l'Espagne. Si les susdites Colonies Angloises se rendant indépendantes vénissent à former un Etat séparé, l'impression de l'exemple ne manqueroit pas de lui faire craindre pour la partie surtout de ses possessions voisines retenues ainsi que les autres par la force et la contrainte sous un joug onéreux qui ne se distingue presque pas de l'esclavage<sup>64</sup>.

O latente conflito entre Espanha e Portugal parece tornar-se mais grave no verão de 1776, justamente na altura da declaração de independência americana e do início da guerra em que a Espanha, embora com escassa convicção e em função essencialmente anti-britânica, alinha com a França em apoio das colónias americanas rebeldes, enquanto Portugal alinha com a coroa britânica.

Uma breve interrupção da correspondência diplomática verifica-se no verão muito quente de 1776 quando o embaixador obtém uma licença para se tratar nas termas de Pórtugos, perto de Granada. Durante a sua ausência, quem o mantém a par da vida da corte espanhola, itinerante entre Madrid, Araunjez e Santo Ildefonso, e das novidades políticas é o seu fiel amigo Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, com o qual, desde os anos da sua missão portuguesa, se consolidara uma nótavel familiaridade. Entre junho e agosto de 1776, Sousa Coutinho informa pontualmente o amigo com cartas quase diárias. Concluída a sua breve licença termal, Masino regressa à capital espanhola no início do outono, mesmo a tempo de assistir à mudança de governo que levaria à jubilação de Girolamo Grimaldi e à nomeação de José Moñino, conde de Floridablanca, para a condução do Ministério. No verão de 1778 Masino obteve a licença há muito solicitada para passar uns meses no Piemonte, com a certeza de que a missão espanhola estava a chegar ao seu fim. Num despacho

---

<sup>64</sup> ASTo: *ivi*: Masino a Aigueblanche, Madrid 19 de fevereiro de 1776.

privado de 1 de junho, Perrone revelara-lhe o propósito do rei de o nomear vice-rei da Sardenha.

## **8. Carlo Francesco Valperga di Masino e Rodrigo de Sousa Coutinho (1771-78)**

Chegados a 1780, é altura de esclarecermos melhor as relações entre Carlo Francesco Valperga di Masino e o jovem Rodrigo de Sousa Coutinho, nomeado, em outono de 1778, embaixador português em Turim. Os primeiros contactos entre os dois remontam ao início da década de 30 quando Carlo Francesco teve oportunidade de conhecer o jovem aristocrata, então com dezasseis anos e estudante no Colégio dos Nobres de Lisboa, afilhado predileto de Pombal e aluno do italiano Michele Franzi, que se formara nos meios da corte juntamente com o príncipe herdeiro D. José. No arquivo do castelo de Masino encontra-se o convite impresso para assistir a uma pública exercitação académica de Rodrigo acerca da obra do célebre astrónomo francês Nicolas de la Caille, há pouco falecido, que teve lugar em 19 julho de 1771 no Colégio dos Nobres e foi apresentada pelo professor Michele Antonio Ciera, diante da corte e de muitos hóspedes ilustres. A dissertação juvenil de Rodrigo atesta um interesse pela astronomia e a matemática que ele irá aprofundar nos anos seguintes sob a orientação do matemático iluminista José Anastácio da Cunha que lhe faria ler um texto delicado como o *Système de la Nature* de d'Holbach, antes de ser suspenso do ensino e processado em 1778, com a acusação de «deísmo, tolerantismo e indiferentismo», no âmbito da reação católica que se seguiu à queda de Pombal. Em 1771 Carlo Francesco já devia conhecer o tio de Rodrigo, Vicente Ignácio de Sousa Coutinho, que de 1762 a 1763 fora embaixador em Turim, de onde saíra para a embaixada portuguesa em Paris que dirigiu até 1792. Nos seus conselhos se terá baseado Rodrigo para

os primeiros contactos na capital piemontesa, embora o tio tivesse caído em desgraça perante a corte de Lisboa (e diante do pai de Rodrigo), durante uns anos, por causa da “escandalosa” rebelião da filha Isabel Juliana, que, após ter sido obrigada a casar contra a sua vontade com o segundo filho do marquês de Pombal em 1768, separou-se dele e ficou fechada num convento ao longo de dez anos. Em 1772, Isabel Juliana obteve a anulação do casamento, mas só depois da queda do ministro foi libertada e casou em segundas núpcias com o primo Alexandre de Sousa Holstein (1751-1803) que sempre amara e que a esperara durante anos. Sousa Holstein, que do lado da mãe era parente do rei da Dinamarca, foi embaixador português em Berlim, Copenhaga e Roma, e também herdeiro do feudo de Sanfré com cujo título condal foi distinguido em 1791<sup>65</sup>.

Não sabemos quando Carlo Francesco di Masino conheceu o pai de Rodrigo, D. Francisco Inocêncio, que em 1770 ainda estava em Luanda como Governador de Angola, mas que a partir de março de 1775 estaria na corte de Madrid como embaixador de Portugal, estreitando laços de sincera amizade com o colega piemontês, como vimos. Entre 1771 e 1773, o conde de Masino teve frequentes ocasiões para encontrar o jovem Sousa Coutinho, que falava fluentemente em francês e inglês e que fora estudar direito na Universidade de Coimbra, estudos que interrompeu em 1776, para empreender o seu “grand tour” pela Europa antes de entrar na carreira diplomática. Ao mudar-se de Lisboa para Madrid em 1774, Masino teve como colega D. Francisco Inocêncio e de março a agosto de 1775 o próprio Rodrigo, que acompanhara o pai para praticar na embaixada. A este período remonta uma intensa correspondência entre Carlo Francesco e Francisco Inocêncio que revela uma relação de amizade muito

---

<sup>65</sup> Sobre estes enredos cf. BONA F. (2014), *I de Sousa e i de Silva. Presenze portoghesi in ambiente subalpino nel 1700 e 1800*, «Blasonario subalpino», setembro de 2014.

estreita e que acabou por envolver também o filho Rodrigo que Masino tomou sob a sua proteção, o que não deve ter sido alheio à sua sucessiva nomeação para embaixador de Portugal em Turim. Embora o marquês de Pombal tivesse sido o padrinho de Rodrigo e tendo em conta a forte relação entre Francisco Inocêncio e o poderoso ministro, com o qual todavia as relações se tinham deteriorado nos últimos tempos por causa também de algumas divergências familiares, a queda deste último em 1777 pareceu abrir novas perspectivas para o jovem aristocrata, graças também à presença de um velho amigo de seu pai, o visconde Ayres de Sá e Mello, como chefe da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Propósito da nova rainha Dona Maria I e do seu ministro era, antes de mais, pôr cobro às más relações entre Portugal e Espanha que tinham levado ao conflito nas colónias americanas do Brasil, apostando numa reconciliação entre as duas coroas ibéricas. Foi a rainha-mãe, Mariana Vitória de Bourbon, que decidiu dar um passo simbólico ao ir ter com o irmão Carlos III a Madrid no outono de 1777. Nessa ocasião o embaixador português obteve que fosse o seu filho a acompanhar a viúva de D. José I que no dia 4 de novembro chegou ao Escorial<sup>66</sup>. A segunda estadia espanhola de Rodrigo, durou de novembro de 1777 até março de 1778 quando, com o tratado de Santo Ildefonso, foi selada a paz entre as duas coroas ibéricas, sancionando deste modo, pelo menos aparentemente, o pleno êxito da missão diplomática que tinha sido confiada ao seu pai.

É neste momento que a carreira do jovem Rodrigo levanta voo: graças à intercessão do pai e à proteção da rainha-mãe, no início do verão de 1778 começa-se na corte a avaliar a oportunidade de nomear o jovem aristocrata para enviado extraordinário de Portugal em Turim, em substituição do marquês Henrique de Meneses, transferido

---

<sup>66</sup> ASCM: m.469, fasc. 7530: *Elenco degli accompagnatori della Regina Madre del Portogallo*.

para Roma depois de ter tido divergências com a corte piemontesa. Na realidade, atrás da nomeação do jovem Sousa Coutinho, descortina-se uma complexa operação triangular que envolve ao mesmo tempo as cortes de Lisboa, de Madrid e de Turim. Como o próprio Floridablanca referiu a Sousa Coutinho pai, tinha sido a rainha de Sardenha, Maria Antonia Fernanda de Bourbon, a escrever ao irmão Carlos III e à irmã Mariana Vitória, rainha-mãe de Portugal, para lhes pedir que se interessassem junto da rainha Dona Maria I para a substituição do marquês de Meneses, malquisto na corte<sup>67</sup>.

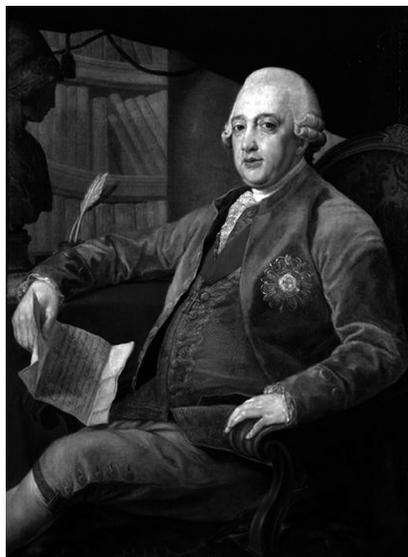


Figura 4 – Henrique de Meneses

O nome do jovem Sousa Coutinho surgira pela primeira vez na corte de Madrid entre o fim de maio e começos de junho de 1778, antes de ser oficializado em Lisboa no mês de julho. Com efeito, no

---

<sup>67</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa): Ministério dos Negócios Estrangeiros, *Legação de Madrid*, caixa 630, carta pessoal de F. I, de Sousa Coutinho a Ayres de Sá e Mello, 23 de junho de 1778 (a referência ao arquivo é tirada do volume de MANSUY-DINIZ SILVA A. (2002-2006), vol. I, p.71).

dia 6 de junho, Masino comunicava antecipadamente ao ministro Perrone que Sousa Coutinho pai lhe confidenciara a intenção da rainha de designar o filho dele para novo embaixador em Torino, acrescentando contudo: «quelqu'un m'a dit que la chose peut avoir encore quelques difficultés»<sup>68</sup>; Em 20 de julho Masino comunicava oficialmente ao rei e ao ministro a mudança de Meneses de Turim para Roma e a iminente nomeação de Rodrigo de Sousa Coutinho para seu sucessor. Entretanto, em 20 de junho, Perrone confirmara a Masino ter recebido o despacho no qual se sugeria o destino de Turim para o jovem Sousa Coutinho, observando contudo que «c'est le premier avis que nous avons de cette destination»<sup>69</sup>. Masino escreveu em privado a Perrone, confirmando a iminente nomeação do novo embaixador e anunciando a próxima partida de Rodrigo de Lisboa. Este último, porém, antes de chegar ao seu destino, faria um desvio a fim de permanecer umas semanas em Paris, e mais tarde, no Outono, retomaria a viagem para Turim<sup>70</sup>. Neste contexto não é de excluir que o próprio Masino tenha sido informalmente consultado e tenha proferido umas palavras em favor do filho do colega português. O que explicaria a gratidão expressa por D. Rodrigo a Masino numa carta de 28 de julho de 1778 na qual se refere «ce que V.E. me prédirait il y à six mois et qui s'est parfaitement accompli». Rodrigo dirigia-se a Masino «non seulement comme à un Ami, mais comme à un Prophète» na esperança de ser «digne de l'amitié de votre adorable famille, qui me retraçera sans cesse l'image de ce Père Vertueux auquel je suis rédetable de tant de grâces et de bontés»<sup>71</sup>. Ao anunciar, por sua vez, ao amigo o decreto oficial da nomeação do filho para embaixador em Turim, em 13 de setembro de 1778,

---

<sup>68</sup> ASTO: *Lettere ministri Spagna*, m. 89: Masino a Perrone, 6 de junho de 1778.

<sup>69</sup> *Ivi*: Perrone a Masino, Turim, 20 de junho de 1778.

<sup>70</sup> *Ivi*: Masino a Perrone, Aranjuez, 20 de julho e Montpellier, 24 de agosto de 1778.

<sup>71</sup> ASCM, m. 387, fasc. 6741 [ma 6742]: *Lettere degli ambasciatori portoghesi*: R. de Sousa Coutinho a Masino, Lisboa 28 de julho de 1778.

Francisco Inocêncio pedia-lhe para agradecer em seu nome Perrone pela ajuda, sinal evidente que de Turim viera alguma sugestão acerca do nome para o sucessor de Meneses<sup>72</sup>.

## **9. Rodrigo de Sousa Coutinho Embaixador de Portugal em Turim (1778-1796)**

Nomeado oficialmente em 13 de setembro de 1778, D. Rodrigo partiu em 29 de outubro, mas programou um longo desvio através de Espanha, França e Suíça que o levaria a Turim apenas em 23 de setembro de 1779, um ano após a sua nomeação. Entretanto cuidara de nomear para secretário da embaixada um fiel companheiro de universidade, José Joaquim de Miranda Rebello, que mandou em exploração para tratar do alojamento. A primeira etapa da viagem de D. Rodrigo foi Espanha, onde encontrou o pai e o seu antecessor em Turim, Henrique de Meneses, visitou a rainha-mãe Mariana Vitória e foi recebido por Carlos III. Deixou Madrid em finais de janeiro de 1779, entrou em França e permaneceu entre o fim de fevereiro e começos de março em Lyon onde passou «deliciosos oito dias» em companhia de Carlo Francesco Valperga di Masino, o qual, terminada a licença em Turim, estava prestes a regressar a Madrid, e de Giovanni Giuseppe Spirito Nomis di Pollone, vindo de Berlim e que acabara de ser nomeado enviado extraordinário piemontês em Lisboa<sup>73</sup>. Com os dois diplomatas piemonteses Sousa Coutinho teve

---

<sup>72</sup> ASCM m. 387, fasc. 6741: *Lettere degli ambasciatori portoghesi* cit.: F. I. de Sousa Coutinho a Masino, Santo Ildefonso 13 de setembro de 1778.

<sup>73</sup> Giovanni Giuseppe Spirito Michele Maria Nomis di Pollone (1749-1723) foi ministro plenipotenciário em Berlim em 1779, em Portugal em 1779 e em 1788 e em Londres em 1784; de novo em Lisboa em 1789, depois embaixador em Madrid em 1796. Em 1798 foi afastado do cargo e mandado regressar a Turim por causa do casamento secreto com Teresa Renguenetz, considerada de baixa condição. Autorizado por Napoleão a munir-se de um título imperial em 1812, foi distinguido com a Grã Cruz da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro quando os Saboia regressaram em 1815.

a oportunidade de conversar sobre a situação política internacional e obter informações e sugestões valiosas acerca da corte piemontesa e da situação do país onde iria viver, e, por sua vez, forneceu a Nomis di Pollone informações sobre a corte de Lisboa<sup>74</sup>. Em Paris, Sousa Coutinho permanece até fins de julho, hóspede do tio embaixador Vicente Ignácio, ocupado com o “escandaloso” segundo casamento da filha Isabel Juliana com o primo Sousa Holstein. Na capital francesa encontrou, entre outros, o embaixador napolitano Domenico Caracciolo; o abade Raynal, com o qual discutiu acerca do Brasil e das colônias americanas; o escritor Marmontel; os cientistas Lalande, Laplace e Bossut; e sobretudo teve a oportunidade de passar bastante tempo com d’Alembert que o impressionou muito. A viagem em direção a Turim foi retomada apenas no início do mês de agosto de 1779, Sousa Coutinho visitou a Suíça, da qual admirou o civismo e a tolerância religiosa. Chegado à capital piemontesa em 23 de setembro, D. Rodrigo apresentou-se no dia seguinte ao ministro dos Negócios Estrangeiros Perrone di San Martino que o convidou para encontrar o rei Vítor Amadeu III no castelo de Moncalieri em 29 de setembro<sup>75</sup>.

## **10. As relações piemontesas de Rodrigo de Sousa Coutinho**

Em Turim o novo embaixador alojou-se no palácio Cravanzana, na centralíssima rua Dora Grossa, e é muito provável que essa

---

<sup>74</sup> Sobre o encontro em Lyon com Masino e Pollone Rodrigo escreve no seu *Journal de voyage*, publicado por MANSUY DINIZ-SILVA A. (2002-2006), vol. I, p. 78 e *Documents*, IV, n. 10, pp. 437-438.

<sup>75</sup> Francisco Inocência de Sousa Coutinho escreve ao filho que teve notícia da sua chegada a Turim e da audiência com o rei pelo amigo conde di Masino ao qual, evidentemente, as notícias de Turim chegaram mais cedo, com o correio de França (deduzo a notícia da carta de Francisco Inocência a Rodrigo, Escorial 19 de outubro de 1779, publicada por MANSUY DINIZ-SILVA A. (2002-2006), vol. I, p. 340).

residência lhe tinha sido conseguida justamente pelo antigo embaixador piemontês em Lisboa, Felice Nepomuceno Fontana di Cravanzana, irmão do ministro da Guerra de Vítor Amadeu III, que era o proprietário do palácio. Na capital piemontesa Sousa Coutinho teve desde logo relações privilegiadas com alguns diplomatas e em particular com o embaixador inglês John Stuart Monstuart (1744-1814), filho do antigo primeiro-ministro britânico lord Bute e de Lady Mary Montagu, e aluno em Oxford de Adam Ferguson<sup>76</sup>. Representante britânico em Turim de 1779 a 1783, antes de se mudar para Madrid, Monstuart tinha a seu lado o encarregado de negócios Louis Dutens (1730-1812), um huguenote francês naturalizado inglês que se tornara pastor da Igreja Anglicana, estudioso de línguas orientais, filólogo, numismata e historiador, já na sua terceira missão em Turim. Nas décadas de oitenta e de noventa, Sousa Coutinho estabeleceu ótimas relações também com John Trevor Hampden, terceiro visconde de Hampden (1748-1824), representante do Reino Unido na corte piemontesa de 1783 a 1798, que num despacho o descreveu como «person of no common merit», acrescentando: «He is very ambitious of going hereafter to England; he is master of our language and of all our best authors and a great admirer of our Constitution and the wonderful efforts which he sees it produce in philosophy, politics and commerce»<sup>77</sup>. Com Trevor Hampden D. Rodrigo partilharia importantes reflexões de carácter económico na década de noventa, intervindo na crise financeira piemontesa provocada pela guerra com a França revolucionária.

---

<sup>76</sup> Sobre Lord Monstuart cf. BIANCHI P. (2012), *Nella specola dell'ambasciatore. Torino agli occhi di John Stuart, lord Mountstuart e marchese di Bute (1779-1783)*, em *Architettura e città negli Stati sabaudi*, edição de E. Piccoli e F. De Pieri, Macerata 2012, pp. 135-160.

<sup>77</sup> Londra, Public Record Office Foreign Office, 67.4: *Sardinia*, Turin 12 January 1786.

Menos intensas, também por razões políticas, mas igualmente boas foram as relações de Sousa Coutinho com o embaixador francês, o barão de Choiseul<sup>78</sup>, ausente de Turim no momento da sua chegada e substituído pelo encarregado de negócios Lalande. Com o barão de Choiseul a amizade tornar-se-ia mais firme após 1782 e no verão de 1784 partilharam até uma excursão nos Alpes, na qual foram acompanhados por um naturalista francês. Excelentes relações teve também com o embaixador da Prússia, o barão de Chambrier, com o qual lançará as bases da futura aliança entre Portugal e a Prússia, e com o embaixador espanhol duque de Villahermosa, apesar da histórica rivalidade entre a Espanha e Portugal.

Bem relacionado na corte, e mantendo a devida distância para com o rei e os seus mais chegados colaboradores, D. Rodrigo privou sobretudo com a princesa Giuseppina de Lorena-Carignano<sup>79</sup>, cujo salão literário, no qual desempenhava um papel fulcral o seu velho amigo Tommaso Valperga di Caluso, íntimo da princesa, ele

---

<sup>78</sup> Louis Marie Gabriel César d'Esguilly, barão de Choiseul (1734-96), embaixador de França em Turim de 1765 a 1791 (substituído temporariamente em 1778 e em 1791 pelo *chargé d'affaires* Nicolas-François Tricot de Lalande) era filho de César Gabriel de Choiseul-Chevigny, marquês de Choiseul, futuro duque de Praslin, de 1761 a 1766 Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Luís XV no governo dirigido pelo primo Etienne-François de Choiseul, já ministro dos Negócios Estrangeiros e depois ministro da Guerra e da Marinha.

<sup>79</sup> Marie-Joséphine-Thérèse de Lorraine-Armagnac (1753-1797) com quinze anos casara com o príncipe Vítor Amadeu de Carignano do qual teve um filho (Carlos Emanuel, o pai do futuro rei Carlos Alberto de Saboia-Carignano) e do qual enviuvou em 1780, com vinte e sete anos. Foi mulher de requintada cultura: leitora das obras de Montaigne, Newton, Hume, Helvetius, Meslier, mas sobretudo de Voltaire e de Rousseau, que conheceu pessoalmente; tradutora dos poemas de Young e das tragédias de Alfieri; amiga pessoal de Pietro Verri e Cesare Beccaria; relacionada com Benjamin Franklin, que lhe pediu para interceder junto do rei de França a fim de obter apoio para a independência dos Estados Unidos; muito ligada à rainha de França Maria Antonieta, através da cunhada princesa de Lamballe, em conflito com a corte de Vítor Amadeu III, da qual se manteve afastada, privilegiou a sua residência de Moncalieri onde recebia literatos e intelectuais iluministas. Acerca da sua figura cf. GASPERONI G. (1938), *Giuseppina di Lorena principessa di Carignano (1753-1797)*, Torino; RICALDONE L. (2002), *Una letterata a corte: Giuseppina di Lorena Carignano*, em *L'alterità nella parola. Storia e scrittura di donne nel Piemonte di epoca moderna*, org. C. Bracchi, Torino, pp. 45-63.

frequentou com assiduidade até meados da década de noventa. Entre as personalidades com quem privou durante a missão diplomática lembramos igualmente Carlo Francesco Valperga di Masino, que regressara da Sardenha em finais de 1783 e que nos anos noventa foi administrador municipal e presidente do Banco de San Secondo, Filippo Antonio Asinari di San Marzano, diplomata e futuro ministro, que se tornará seu cunhado; Prospero Balbo, académico das ciências e futuro embaixador em Paris a partir de 1796, com o qual discutiu intensamente de economia, procurando intervir para resolver o problema da dívida pública; Giambattista Vasco e, por breve tempo, também o seu irmão Dalmazzo Francesco, que durante três anos será encarcerado na prisão de Ivrea<sup>80</sup>; Gian Francesco Galeani Napione di Cocconato, nessa altura intendente das Finanças, e também literato e economista, e sobretudo o seu irmão mais novo, o capitão de artilharia Carlo Antonio Napione, químico e mineralogista, que graças à ajuda de Sousa Coutinho em 1800 foi chamado para Portugal como tenente-coronel inspetor das oficinas do Arsenal, e sucessivamente mudou-se para o Brasil em 1807, acompanhando a corte portuguesa após a ocupação napoleónica da península ibérica.

Muito bem relacionado nos meios culturais da capital piemontesa, D. Rodrigo privou, na década de oitenta, com os animadores da “Società Privata” fundada por Giuseppe Angelo Saluzzo, Luigi Lagrange e Francesco Cigna, que em 1783 Vítor Amadeu III transforma na Real Academia das Ciências de Turim e cujas atividades o embaixador referiu em pormenor nos seus despachos para Lisboa<sup>81</sup>. Nos anos noventa frequentou os redatores da «Biblioteca

---

<sup>80</sup> VENTURI F. (1940), *Dalmazzo Francesco Vasco (1732-1794)*, Paris; MAROCCO G. (1978), *Giambattista Vasco*, Torino.

<sup>81</sup> Cf. *I primi due secoli della Accademia delle Scienze di Torino. Realtà accademica piemontese dal Settecento allo Stato unitario* (actas do colóquio 10-12 de novembro de 1983), 2 vols., Torino 1985; *Tra società e scienza. Duecento anni di storia dell'Accademia delle Scienze di Torino. Saggi, documenti, immagini*, Torino 1988; FERRONE V. (1988).

Oltremontana», publicada a partir de 1787 e dirigida por Giambattista Vasco, expressão da mais avançada cultura reformadora piemontesa e muito atenta a tudo o que se ia publicando na Europa. Ao longo dos dezoito anos vividos no Piemonte o embaixador português conseguiu estabelecer ótimas relações com a cultura piemontesa, tornando-se bem cedo uma referência para os intelectuais mais iluminados e contribuindo também, em 1787, para a fundação do Jardim Botânico da Crocetta, projeto do académico das ciências Carlo Allioni, ilustre botânico e correspondente de Lineu, e dirigido por Tommaso Valperga di Caluso. Estudioso de problemas económicos e agrícolas, D. Rodrigo juntou na sua rica biblioteca todas as mais relevantes publicações europeias (sobretudo inglesas) de economia. Num manuscrito anónimo de finais da década de oitenta, porventura atribuível a Giambattista Vasco, lemos: «Il signor marchese di Sousa, ministro del re di Portogallo presso la nostra Corte, versatissimo nelle scienze economiche e raccoglitor diligente di tutte le opere che le riguardano si è forse il solo fra noi che abbia la serie continuata degli opuscoli più recenti che in questi ultimi anni sonosi pubblicati in Inghilterra e nelle altre parti d'Europa»<sup>82</sup>. O autor do manuscrito lembra igualmente que Sousa Coutinho era o único, em toda a Turim, a possuir as várias edições da *Riqueza das Nações* de Adam Smith<sup>83</sup> – a de 1778 em dois volumes, a de 1784 em três volumes, a tradução francesa de 1781 em seis volumes, e sobretudo a última edição francesa de 1791, em quatro volumes, com notas de Condorcet, vinda a lume a breve distância da primeira tradução italiana publicada em Nápoles em 1790 – e a fazer circular, com um

---

<sup>82</sup> ASTo. Materie Economiche, *Zecca e monete*, m. 7 di seconda addizione, fasc. 16: *Memoria contenente notizia intorno alla storia della carta moneta in America*.

<sup>83</sup> Sobre a difusão do pensamento de A. Smith em Portugal cf. J. L. CARDOSO, *A influência de Adam Smith no pensamento económico português (1776-1811/12)*, em *Contribuições para a História do Pensamento Económico em Portugal*, edição de J. L. Cardoso, Lisboa 1988, pp. 85-110.

seu comentário, o livro de Tom Paine, *Remarques sur les erreurs de l'Histoire philosophique et politique de mr. Guillaume Thomas Raynal, par rapport aux affaires de l'Amérique-Septentrionale*, publicado em Paris em 1783, e as *Recherches historiques et politiques sur les Etats-Unis d'Amérique septentrionale* de Filippo Mazzei, publicadas em 1788<sup>84</sup>. Graças à generosidade do embaixador, que emprestava aos amigos os seus livros, muitas dessas publicações, de outra forma inacessíveis no Piemonte, circularam nos meios cultos da capital piemontesa, nos quais se ia difundindo o conhecimento da língua inglesa. Foi graças a D. Rodrigo que foram conhecidas muito cedo as obras de economistas ingleses e escoceses como Adam Smith, Adam Anderson, James Stewart, William Douglas, Richard Price, Malachy Postlethwayt, Arthur Young, e também do genebrês Jacques Necker e do toscano Giovanni Fabbroni.

Na sequência da morte do pai e pela necessidade de organizar os negócios de família, ao longo de dois anos, de 1780 a 1782, D. Rodrigo ausentou-se de Turim, confiando a Legação ao fiel Miranda Rebello. Ao regressar, retomou a densa rede de relações e escreveu, para o seu governo, um notável número de memórias inspiradas nas reformas piemontesas, que, infelizmente, não foram tidas em alguma consideração em Lisboa. Remontam a este fértil período textos como as *Réflexions politiques sur les moyens d'établir au Portugal la production de la soie et sa manufacture* (1784); os *Discours sur le commerce de l'Italie par rapport à celui du Portugal* (1784); as *Réflexions sur la fiscalité et les finances du Portugal* (1786); o *Discours où l'on prouve la nécessité et l'utilité des études et des connaissances hydrodynamiques au Portugal* (1787), resultado das suas conversações com Giuseppe Teresio Michelotti; e também o *Essai sur la magistrature* (1787-90), no qual se exorta à tolerância religiosa para

---

<sup>84</sup> Veja-se o catálogo da biblioteca económica de Sousa Coutinho publicado em apêndice ao ensaio de J. L. Cardoso, neste volume.

com hebreus e valdenses, discutido com o docente de direito canónico Agostino Bono; o *Discours sur la mendicité* (1787) e as *Réflexions politiques sur les causes de la prospérité de l'agriculture au Piémont* (1789), publicadas em inglês em 1791 nos «Annals of Agriculture» de Arthur Young (que foi seu hóspede em Turim em 1789), traduzidas para a língua italiana em 1792 por Giambattista Vasco e publicadas com o título de *Riflessi sull'agricoltura del Piemonte* nos «Opuscoli scelti sulle Scienze e sulle Arti» de Carlo Amoretti e Francesco Soave, editadas pela terceira vez no espaço de poucos anos, em tradução francesa resumida, em 1801 no «Le Cultivateur anglais» do mesmo Young, e por fim publicadas em separata por Prospero Balbo nas «Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino» em 1825<sup>85</sup>. Este último escrito, o único que Sousa Coutinho publicou, tornar-se-ia no começo da década de noventa uma referência segura para os economistas liberais e anglófilos reunidos à volta da redação da «Biblioteca Oltremontana».

Remonta a finais de 1791 a redação da *Relação politica da historia e estado da Real Casa de Saboya*<sup>86</sup>, enviada para Lisboa em 18 de Janeiro de 1792 e articulada em dez capítulos consagrados

---

<sup>85</sup> Os escritos mais importantes de Rodrigo de Sousa Coutinho foram publicados por Andréa Mansuy Diniz-Silva em SOUSA COUTINHO R. (1993), *Textos Políticos, Economicos e Financeiros (1783-1811)*, Lisboa, 2 vols.; acerca do seu pensamento político e económico cf. também CARDOSO J. L. (1989), *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII*, Lisboa; NOVAIS F. A. (2005), *O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos*, in F. A. NOVAIS, *Aproximações: Estudos de História e Historiografia*, São Paulo 2005, pp. 167-181; sobre a sua experiência no Piemonte cf. POMBO CIRNE DOS SANTOS N. (2009), *Um turista na Corte do Piemonte: dom Rodrigo de Souza Coutinho e o Iluminismo italiano e francês (1778-1790)*, em «Varia historia», vol.25, no.41, Belo Horizonte Jan./Jun. 2009, pp. 213-225.

<sup>86</sup> O manuscrito autógrafo de Sousa Coutinho encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa: *Cód. 891*. Uma cópia do denso manuscrito da *Relação*, vinda da biblioteca do conde do Ameal e adquirida por Federico Patetta em Lisboa em março de 1924, está conservada hoje na Biblioteca Apostolica Vaticana em *Patetta Mss. 1183*; uma segunda cópia oitocentista do mesmo manuscrito (encadernada em pergaminho com um útil índice analítico) encontra-se em *Patetta Mss.1192* com o título de *Historia da Real Casa de Saboya*, datada de 16 de dezembro de 1791. Um microfilme do manuscrito *Patetta Mss. 1183* pode ser consultado no Arquivo de Estado de Turim.

à história, à geografia, à política, à economia, à agricultura e ao comércio do Estado Piemontês. Na redação são reelaborados parte dos seus escritos anteriores, aos quais se acrescentam novos dados vindos das suas leituras e investigações e das frequentes conversas com os intelectuais piemonteses. O que impressiona na *Relação* é o juízo severo mais do que sobre Vítor Amadeu III, que ele afirma admirar, sobre os homens do seu governo que D. Rodrigo descreve como substancialmente inaptos e opostos aos grandes ministros de Vítor Amadeu II e de Carlos Emanuel III, como Ormea e Bogino. Por outro lado, Sousa Coutinho não poupa elogios em relação aos intelectuais da Academia das Ciências, aos cientistas militares e a algumas personalidades como Perrone di San Martino, Prospero Balbo e os dois Napione que ele aponta como naturais herdeiros da grande tradição reformadora dos monarcas piemonteses da primeira metade do século. Balbo<sup>87</sup>, em particular, é descrito como «dotado de huma grande y vasta erudição, sobre tudo em conhecimentos de publica administração», enquanto a Academia das Ciências é apresentada com as seguintes palavras: «Seria este hum Monumento que eternizarà o nome deste Sobrano se continuara a ama-lo, potendo dizer de esta Academia o que não pode dizer se nem do Sociedade Real de Londres, nem de Academia Real de Paris, que os seos principios igualerão os dias mais brilhantes dos que a havião precedido»<sup>88</sup>.

Plenamente integrado na sociedade piemontesa, D. Rodrigo, que nos anos anteriores tivera relações passageiras com jovens mulheres locais, reforçou a sua posição casando em 1789 com Gabriella Asinari di San Marzano, na altura com dezanove anos, expoente de uma das maiores famílias da aristocracia piemontesa, que em 1790 deu à luz o primeiro dos seus quatro filhos, Vittorio Maria Francesco, baptizado na presença de Vítor Amadeu III e destinado a uma significativa

---

<sup>87</sup> Sobre Balbo cf. ROMAGNANI G. P. (1988).

<sup>88</sup> R. de SOUSA COUTINHO, *Relação politica* cit., c. 64r e v.

carreira política em Portugal que o levaria, entre 1817 e 1825, a ser embaixador do seu país em Turim. Pouco tempo depois, D. Rodrigo renunciou ao mais prestigioso cargo de embaixador em Viena para não obrigar a mulher a deixar Turim e, com muita probabilidade, para não se afastar de um meio no qual se sentia à vontade.

Apesar da intensa vida familiar, os acontecimentos que no fim da década de oitenta levaram à Revolução francesa foram acompanhados com extrema atenção por D. Rodrigo que, de Turim, tinha um ponto de observação privilegiado e podia transmitir para Lisboa as suas impressões, em parte diferentes das que ao mesmo tempo o seu tio Vicente Ignácio enviava de Paris<sup>89</sup>. Convicto defensor das reformas e crítico implacável das resistências opostas pelos corpos intermédios e pelos aristocratas, ele permanecerá todavia sempre um monárquico, admirador do despotismo iluminado de José II Imperador Romano-Germânico e Arquiduque da Áustria. Os seus modelos políticos de referência parecem ser os grandes ministros, como Richelieu e Pombal, e por isso olha com grande interesse quer para a tentativa reformadora falhada de Turgot dos anos setenta, quer para as novas propostas de Necker do fim dos anos oitenta. O próprio *Regolamento dei Pubblici* piemontês, que em 1775 ampliara as formas da representação local, é por ele comparado com as reformas de Turgot e dado como exemplo de boa administração e de sensibilidade para com as instâncias vindas de baixo. Em 1788 critica as medidas económicas de Calonne e de Loménie de Brienne, mostrando, pelo contrário, muita fé e confiança em Necker do qual lera as obras e que admirava. Por altura da convocação dos Estados Gerais de França manifesta-se sem hesitações em favor das reformas, criticando os maus conselheiros de Luís XVI e rejubilando com

---

<sup>89</sup> Cf. CADAFAZ DE MATOS M. (1988), *A correspondência inédita do embaixador de Portugal em Paris, D. Vicente de Sousa Coutinho*, «Revista de História das Ideias», 10, pp. 144a-144h.

as medidas de 4 de agosto de 1789. A seu ver não era admissível atribuir ao pensamento das Luzes todos os males, cujas causas deviam ser procuradas na desordem das finanças, nos privilégios da aristocracia e do clero, na venalidade dos cargos, no excessivo peso dos impostos e na conseqüente pobreza dos camponeses, e também na incapacidade dos ministros franceses de intervir eficazmente na crise. Assim escrevia ao primo Luís Pinto em 21 de outubro de 1789: «Não posso concluir este triste officio sem tocar a V. E. na dor com que vejo que em muitos paizes se atribuem falsamente as dezordens da França às Luzes que antes ali reinavão, e a pretendida falta de religião que se julga falsamente existir entre o povo de França, o qual não só he devoto, mas em muitos lugares athe supersticiozo e fanatico»<sup>90</sup>. No ano seguinte D. Rodrigo manifestava preocupação com a chegada dos *émigrés* contrarrevolucionários, desejando que a corte de Turim não alinhasse abertamente com eles, protegendo-os e recebendo-os na corte, comprometendo deste modo a segurança do país e a linha reformadora que o governo assumira, ao dar de novo espaço às forças mais retrógradas e conservadoras: «Il est difficile de décider de ce qui doit être la plus digne de mépris: l'imbécillité des réfugiés, ou bien la scélératesse et l'atroce méchanceté de ceux qui dilacèrent aujourd'hui la France»<sup>91</sup>. Embora manifeste o seu horror pelos «démagogues» de Paris, ele mostra todo o seu desdém pelos emigrados «uniques moteurs de la ruine du pouvoir royal dont ils se disent à présent les amis»<sup>92</sup>. A queda da monarquia, a condenação e a execução dos monarcas em 1793 constituiriam um corte dramático para D. Rodrigo que olhara para a primeira fase da revolução com interesse ou até com simpatia. As figuras de Robespierre, retratado

---

<sup>90</sup> Cit. em MANSUY DINIZ-SILVA A. (2002-2006), vol.I, pp. 269-71.

<sup>91</sup> ROSSI G. C. (1952), *Vittorio Amedeo III di Savoia nei dispacci di un diplomatico portoghese (agosto 1789-giugno 1790)*, «Rassegna storica del Risorgimento», XXIX (1952), 1, p. 10: o despacho tem data de Turim 21 de janeiro de 1790.

<sup>92</sup> MANSUY DINIZ-SILVA A. (2002-2006), vol. I, p.272.

como um fanático sangrento, e de Danton, descrito como corrupto mas mais humano, aparecem muitas vezes nos despachos de finais de 1793, começo de 1794. Entretanto, através do embaixador inglês Trevor Hampden, Rodrigo contactara com Jacques Mallet du Pan, nessa altura em Berna, do qual receberia regulares boletins mensais sobre as relações entre a França revolucionária e a Europa e do qual divulgaria no Piemonte o manuscrito *Sur l'Etat de la France*, redigido em fevereiro de 1794<sup>93</sup>.

Em 1786 faleceu o idoso ministro dos Negócios Estrangeiros Ayres de Sá e Mello, que fora amigo e protetor do seu pai, e depois de uns ministros sem brilho entre 1785 e 1788, no mês de dezembro de 1788 foi por fim nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros o primo de D. Rodrigo, Luís Pinto de Sousa Coutinho, visconde de Balsemão (1735-1804), já Governador do Mato Grosso e futuro embaixador em Londres, que revelou ser imediatamente uma personalidade de maior quilate. É a partir dessa altura que a correspondência de D. Rodrigo com Lisboa muda de tom, tornando-se mais confidencial e recebendo finalmente alguma resposta positiva a nível governativo.

Quase ao mesmo tempo do governo português também o do Piemonte sofreu uma mudança: saído de cena no fim de 1788 Perrone di San Martino, que ensurdecera completamente, a Secretaria dos Negócios Estrangeiros foi confiada em 1789 ao seu mais chegado colaborador, o conde Joseph-François-Jerôme Perret d'Hauteville (1731-1810), desde 1780 'Primo Ufficiale' da mesma Secretaria, que corporizava a nova linha próxima da Casa de Habsburgo. Para o ministério do Interior foi chamado o conde Pietro Graneri, um antigo colaborador de Bogino, antigo magistrado que passara para a diplomacia, com cargos de embaixador em sedes prestigiosas e que

---

<sup>93</sup> Sobre a difusão no Piemonte dos manuscritos de Mallet du Pan cf. ROMAGNANI G. P. (1992), *Le culture rivali. Ideologia delle riforme e illuminismo nell'esperienza di due funzionari sabaudi*, in *Ragioni dell'anti-illuminismo*, org. de L. Sozzi, Alessandria 1992, pp. 417-445.

assumiria o papel de ministro principal, deslocando o baricentro do governo da Secretaria dos Negócios Estrangeiros para a do Interior. Com uma notável experiência internacional e competências no âmbito económico, liberal convicto e tendencialmente anglófilo, Graneri estava convencido de que era necessário libertar o país de impostos e alfândegas, sanando a dívida pública não com novos tributos, mas sim relançando a economia com a contribuição de empresários e homens de comércio. Desde há muito Graneri pensava em fundar um banco e em atacar os privilégios eclesiásticos, e para este fim recorreu a colaboradores como Giambattista Vasco, Gian Francesco Galeani Napione e Agostino Bono.

### **11. Rodrigo de Sousa Coutinho e o debate sobre a crise financeira piemontesa (1793-96)**

Mandado regressar a Portugal na primavera de 1792, D. Rodrigo permaneceu em Lisboa durante quase dois anos; voltou a Turim apenas no fim de 1793, quando o período mais dramático da Revolução francesa já passara, e mergulhou no debate político-económico piemontês, num diálogo intenso com o embaixador inglês Trevor Hampden e com o grupo dos aritmético-políticos<sup>94</sup> entre os quais se destacavam Prospero Balbo, Gian Francesco Galeani Napione, Giambattista Vasco e Carlo Francesco Valperga di Masino – todos convocados para colaborar com o ministro Graneri – dando uma série de contributos originais sobre questões económicas e bancárias, censos, empréstimos e lotarias. De grande interesse são os escritos económicos que Sousa Coutinho redigiu em meados da década de

---

<sup>94</sup> Cf. LEVI G. (1974), *Gli aritmetici politici e la demografia piemontese negli ultimi anni del Settecento*, «Rivista Storica Italiana», LXXXVI (1974), 2, pp. 201-241; FERRONE V. (1980), *Il dibattito su probabilità e scienze sociali nel secolo XVIII*, «Physis», XXII (1980), 1, pp. 27-71.

noventa para responder a problemas concretos que a crise económica colocava. Nessa ocasião D. Rodrigo contribuiu para dar a conhecer, quer no Piemonte quer em Portugal, autores como o economista hebreu holandês (mas de origem portuguesa) Isaac de Pinto, conhecido e apreciado na Holanda e na Inglaterra e autor do *Traité de crédit et de la circulation* (1773), ou como Malachy Postlethwayt, autor de *The Universal Dictionary of Trade and Commerce*, publicado pela primeira vez em 1757, e sobretudo propondo mais uma vez a leitura aprofundada da «oeuvre immortelle» de Adam Smith. Nesses mesmos meses D. Rodrigo propõe revitalizar a economia portuguesa mandando voltar para Portugal os judeus que se refugiaram na Holanda desde o fim do século XVII e incentivando tratados comerciais com Génova, Veneza e com a Toscana. As sugestões de Sousa Coutinho, muitas vezes partilhadas pelo primo e ministro Pinto, infelizmente não tiveram resposta por parte da rainha D. Maria I.

Quando chegou a Turim, no mês de dezembro de 1793, D. Rodrigo foi convidado a ler os escritos económicos que Balbo e Napione estavam a elaborar para intervir da melhor forma na crise económica que, desde o começo da guerra com a França, atormentava o Estado piemontês. Escolhido como conselheiro económico pelos jovens funcionários reformadores piemonteses, Sousa Coutinho envolveu imediatamente na discussão Trevor Hampden, com o qual já em anos anteriores partilhara ideias e leituras. A partir deste momento e até ao fim de 1794 os escritos de Sousa Coutinho sucedem-se em catadupa<sup>95</sup> e têm sempre uma repercussão nas *Memorie* e nas

---

<sup>95</sup> Os escritos de Sousa Coutinho estão conservados em ASTo, *Archivio Balbo jr.*, vol. 18: *Del credito pubblico in Piemonte (1794)*, cc. 20-280; *Lettere di R. Sousa Coutinho (1794)*: n. 2 Sousa a Trevor, 6 de Janeiro de 1794; n. 4 Sousa a Trevor, 7 de fevereiro de 1794; n. 5 Sousa a Trevor, 13 de fevereiro de 1794; n. 8 *Réflexions de M. de Sousa sur le plan proposé et sur les objections qu'on y a faites...* (28 de março de 1794); n. 9 Sousa a Masino, s.d.; n. 16 Sousa a Masino, 5 de maio de 1794; n. 15 e n. 16 Sousa a Balbo, 9 de maio de 1794; n. 21. Mr. de Sousa, *Projet de loterie* (13 giugno 1794); n. 22. Mr. de Sousa, *Autre projet du même auteur* (14 de junho de 1794); n. 23 Sousa a Balbo, 20 julho de 1794 ; n. 25 Sousa a Trevor, novembro

anotações de Balbo e de Napione, este último muitas vezes crítico e defensor de um mais decidido liberalismo. Sousa Coutinho, por seu lado, aconselha aos amigos a leitura dos economistas ingleses e o estudo das experiências financeiras e bancárias levadas a cabo além da Mancha. O debate sobre o crédito público começara no fim de 1793 com um *Progetto di erezione di un monte con cedole circolanti*, que Napione redigiu anonimamente e que foi mandado circular nos meios das Secretarias de Estado com o propósito de travar o processo de inflação através da transformação da dívida flutuante em dívida consolidada e vinculada a bens imóveis mediante a criação de um Monte que deveria ser constituído com a alienação de bens eclesiásticos, bens da Coroa, mosteiros e comendas da ordem dos Santos Maurício e Lázaro. A cada bem vendido corresponderia uma cédula com renda nominativa de valor igual à renda média anual do bem alienado. Recebido no silêncio dos meios governativos e apoiado com escasso êxito apenas por Graneri, o projeto de Napione teve como primeiro interlocutor justamente Sousa Coutinho o qual em 6 de Janeiro de 1794 escreveu uma longa carta a John Trevor Hampden<sup>96</sup> para comentar a crise piemontesa e criticar a escassa competência dos ministros de Vítor Amadeu III, com a qual contrastava a lúcida proposta de Napione. Em duas cartas sucessivas de 7 e de 13 de fevereiro, sempre dirigidas a Trevor, mas mandadas circular anónimas em meios governamentais com o título de *Premier* e

---

de 1794; n. 27 Balbo a Sousa, s.d.; n. 28 Sousa a Balbo, s.d.; n. 30 Balbo a Sousa, 22 de novembro de 1794; n. 32 Sousa a Balbo, 27 de novembro de 1794; n. 33 Mr. de Sousa, *Mémoire sur l'état des finances, de la circulation, du change et du crédit public*; 34. [Mr. de Sousa], *Mémoire sur les emprunts forées; Lettre di R. Sousa Coutinho (1794)*: Sousa a Trevor, 6 gennaio 1794; Sousa a Trevor, 7 febbraio 1794; Sousa a Trevor, 13 fevereiro de 1794; *Réflexions de M. de Sousa sur le plan proposé...* (28 de marzmarço de 1794); Sousa a Masino, s.d.; Sousa a Masino, 5 de maio de 1794; Sousa a Balbo, 9 de maio de 1794.

<sup>96</sup> R. de Sousa Coutinho a J. H. Trevor, 6 de janeiro de 1794. Uma cópia da carta, autógrafa, encontra-se no arquivo de Prospero Balbo em ASTo: *Archivio Balbo jr.* vol. 18, pp. 20-35; uma segunda cópia, anónima, conserva-se em ASTo: *Materie Economiche, Finanze*, m. 5 di II add., n. 23.

*Second éclaircissement sur le plan proposé*, Sousa Coutinho especifica o seu projeto insistindo na necessidade de envolver os banqueiros no plano de saneamento das finanças públicas e mostrando como o envolvimento dos privados reforçaria mais do que enfraquecer a autoridade do Estado. D. Rodrigo convidava por fim o embaixador inglês a encontrar pessoalmente alguns dos *homines novi* que ele queria ver no governo em lugar dos medíocres burocratas, a seu ver indignos herdeiros dos grandes ministros reformadores do passado. Apontando explicitamente para os nomes de Napione e de Balbo ele descrevia-os como «deux Piémontais qui ont beaucoup de connaissances, et très-profondes en administration (...) et qui seroit plus utile qu'on pense de les placer dans la carrière des Finances»<sup>97</sup>. Na sequência desta indicação Trevor encontrou pela primeira vez Napione num almoço em casa de Sousa Coutinho<sup>98</sup>. Nas mesmas semanas Sousa e Balbo lêem e discutem também os mais recentes escritos do toscano Giovanni Fabbroni, em particular o *Discorso intorno ai mezzi d'incoraggiamento del matrimonio* de 1790 e a *Lettera circa il sistema monetario napoletano* de 1794<sup>99</sup>. Sousa propõe a Balbo um projeto de lotaria, no modelo inglês, a criar no Piemonte para reerguer as finanças públicas, submetendo o seu plano também a Trevor que o promoveu junto do ministro Graneri.

Uma primeira resposta do governo piemontês chegou, em 22 de abril de 1794, com o decreto constitutivo do Monte di San Secondo, inspirado por Prospero Balbo, no qual se preferia a expressão *Monte a Banco* para evitar um vocábulo desacreditado junto da opinião

---

<sup>97</sup> ASTo. *Archivio Balbo jr.* vol. 18, pp. 37-45.

<sup>98</sup> Testemunho dessas discussões é um manuscrito de Sousa Coutinho com o significativo título de *L'après déjeuner de Trevor*, datado “à la Vigne ce 14 juin [1794]”: Ivi, pp. 201-204.

<sup>99</sup> ASTo. *Archivio Balbo jr.* vol. 18, pp. 205-208: carta de Sousa a Balbo, 20 de julho de 1794. Sobre Fabbroni cf. PASTA R. (1989), *Scienza politica e rivoluzione. L'opera di Giovanni Fabbroni (1752-1822) intellettuale e funzionario al servizio dei Lorena*, Firenze 1989.

pública. O Monte, entregue à administração da Municipalidade de Turim, deveria «ritirare dal corso li biglietti di credito mediante la consegna contemporanea di cedole di banco fruttanti l'annuo provento del quattro e mezzo per cento»<sup>100</sup>. Decidido a fazer chegar a sua voz onde se estava a decidir o destino da economia piemontesa, Sousa Coutinho enviou em 28 de março uma carta ao seu velho amigo Valperga di Masino, que estava prestes a ser nomeado Conservador do Banco di San Secondo, apresentando algumas sugestões, e sobretudo pondo-o de sobreaviso acerca das confusas improvisações legislativas do governo. Com efeito, D. Rodrigo julgava completamente inútil conceder um empréstimo a um juro tão baixo que não persuadiria nenhum privado a contribuir; mais valia não fazer nada: «Sur l'idée qu'on a de remédier au mal actuel je crois que difficilement elle aura aucune bonne réussite et que par-là même on décréditera la seule ressource qu'il y auroit de rétablir la chose publique». Por conseguinte ele convidava Masino a refletir, emprestando-lhe o livro de Isaac Pinto sobre o crédito, baseado nas práticas adotadas pelo banco de Amesterdão, «qui prouve qu'on peut simplifier le transport des Actions au point que cela ne soit point incommode pour la Banque»<sup>101</sup>. Umás semanas mais tarde, em 5 de maio, Sousa escreveu de novo a Masino, já nomeado Conservador do Monte di San Secondo (e enviando uma cópia da carta a Napione e a Balbo), atribuindo os males das finanças «à l'inactivité, à l'imprévoyance et à l'imbécillité des chefs de Finances»<sup>102</sup> e apresentando mais propostas, como a de abolir os impostos para os comerciantes, a de associar ao Monte o maior número possível de comerciantes e de homens de negócios de Turim e das províncias e a de constituir uma comissão

---

<sup>100</sup> DUBOIN, *Raccolta delle leggi...*, vol. XIX, XXI, pp. 1221-24.

<sup>101</sup> ASTO. *Archivio Balbo jr.* vol. 18, pp. 102-105: carta de Sousa a Masino, s.d.

<sup>102</sup> *Ivi*, vol. 18, p. 155: carta de Sousa a Masino, 5 de maio de o 1794.

d'Employés éclairés et de Négocians habiles et honnêtes à la tête des quels fut un Surintendant Général des Finances (S. E. M. le comte de Masin) qui fut chargé d'examiner l'état des revenus ordinaires et les dépenses ordinaires du Roi, ainsi que des revenus et fonds extraordinaires et des dépenses extraordinaires; de décider s'il falloit placer de nouveaux impôts pour assurer le Crédit public avec le payement exact des intérêts des dettes de la Couronne, où bien d'établir à la Paix une Caisse d'amortément régie par la même Commission»<sup>103</sup>.

O máximo envolvimento dos privados e das pessoas competentes na gestão das desastradas finanças públicas era o objetivo que o embaixador português visava.

A quase um ano de distância da redação do primeiro *Projet* de Sousa Coutinho, em 23 de fevereiro de 1795, Prospero Balbo apresentava à contabilidade da Câmara de Turim um plano pormenorizado, em forma de lotaria, para a criação de tributos sobre os moinhos da cidade, baseado – como tinha sugerido o amigo português – no cálculo de probabilidades<sup>104</sup>. Nos mesmos dias o *Consiglio Decurionale* instituiu uma *Cassa d'Ammortamento* – precursora da futura *Cassa di Risparmio di Torino* – com base no modelo de análogos institutos fundados ao longo do século XVIII em vários países europeus<sup>105</sup>. As sugestões de Sousa Coutinho pareciam então poder realizar-se, pelo menos parcialmente. Todavia o tempo para experimentar soluções ousadas postas em prática pelos economistas piemonteses foi demasiado reduzido. A ocupação

---

<sup>103</sup> *Ivi*, vol. 18, p.158.

<sup>104</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Turim, *Ordinati*, 1795, vol. CCCXXV, c. XI.

<sup>105</sup> Cf. BALBO P. (1805), *Problema dipendente dalla teoria delle permutazioni e combinazioni su un nuovo modello di lotteria, adottato nel 1795 dalla Città di Torino*, «Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino», XIV (1805), pp. CLVII-CLXII; FENOGLIO G. (1927), *La Cassa di Risparmio di Torino*, Torino 1927; PRATO G. (1927), *Risparmio e credito in Piemonte all'avvento dell'economia moderna*, Torino 1927.

do Piemonte por parte da francesa *Armée d'Italie* na primavera de 1796 poria cobro a toda a esperança de reformas. No fim de Julho de 1796 Rodrigo de Sousa Coutinho foi mandado regressar a Portugal para integrar o governo como Secretário de Estado da Marinha e dos Domínios do Ultramar, e foi substituído em Turim pelo irmão mais novo de Domingos António, marquês de Funchal (1760-1833), que manteve o cargo de embaixador até 1803. No mês de agosto Prospero Balbo foi nomeado embaixador piemontês em Paris, na derradeira tentativa de salvar a monarquia piemontesa do desastre. No mês de outubro Vítor Amadeu III faleceu, deixando um trono mais formal do que real ao irmão Carlos Emanuel IV. As novas ordens de poder da Europa napoleónica delineariam em breve um novo cenário.